

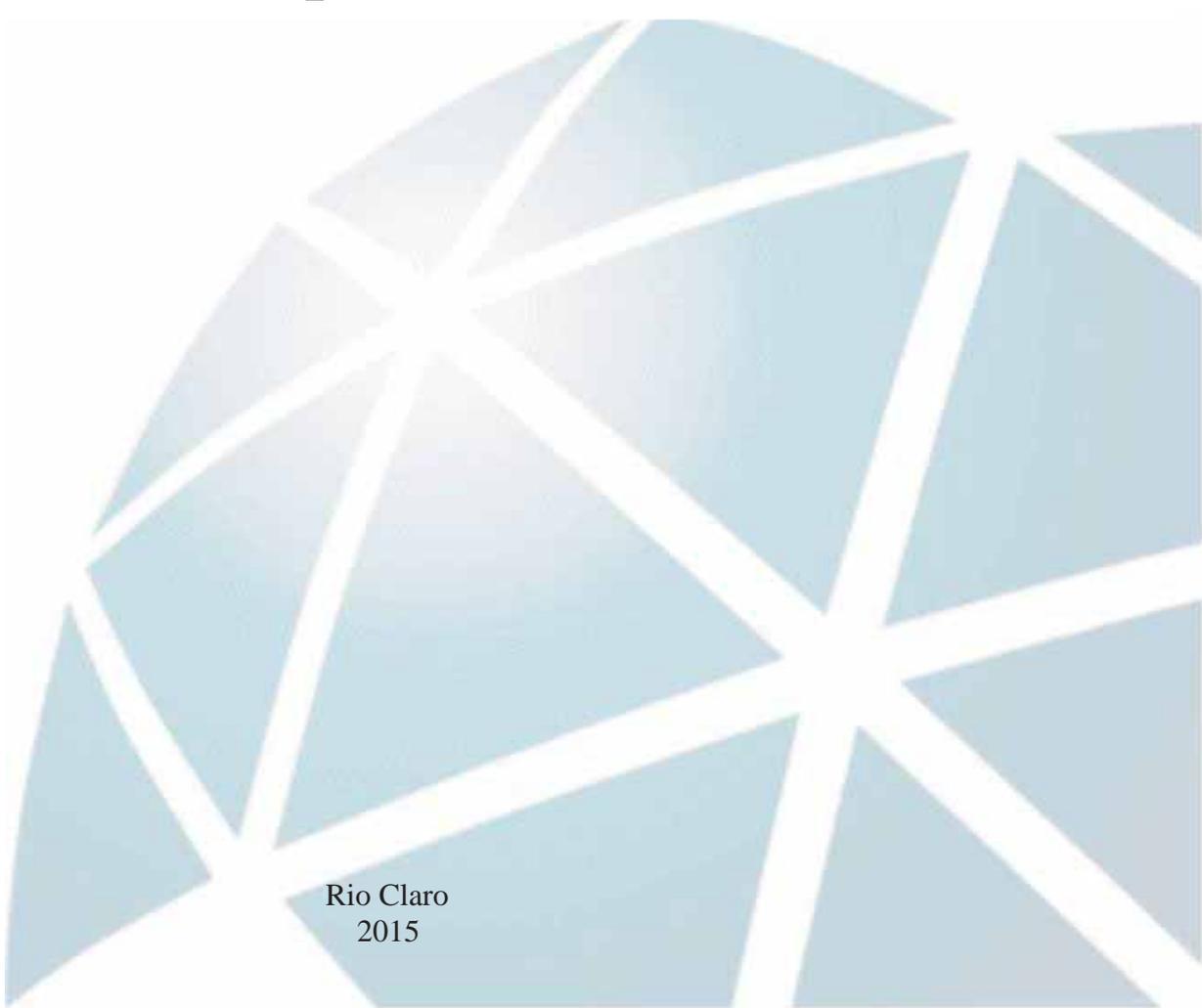
---

Licenciatura Plena em Pedagogia

---

**DANIELE GONÇALVES DA SILVA**

# Charges: um olhar estereotipado dos professores



Rio Claro  
2015

**DANIELE GONÇALVES DA SILVA**

**Charges:** um olhar estereotipado dos professores

Orientadora: Prof. Dr. Laura Noemi Chaluh.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Rio Claro  
2015

370 Silva, Daniele Gonçalves da  
S586c Charges : um olhar estereotipado dos professores / Daniele  
Gonçalves da Silva. - Rio Claro, 2015  
78 f. : il., figs., gráfs., quadros

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)  
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de  
Rio Claro

Orientador: Laura Noemi Chaluh

1. Educação. 2. Charges.. 3. Professores.. 4. Estereótipos..  
I. Título.

Dedico esse trabalho A mulher que me ensinou a ler o mundo com olhos de esperança, amor e fé...

Rita Gonçalves Silva. Minha Mãe.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus que agraciou toda a minha permanência na universidade e que colocou em minha vidas alguns anjos que tornaram esse trabalho possível a elaboração desse trabalho como a permanência no curso de Pedagogia e tornaram a graduação um espaço acolhedor e de grandes aprendizagens. Sem a presença desses anjos muito especiais não teria concluído esse curso e não aprenderia coisas que levarei para toda a minha vida. Essas pessoas abrilhantaram a minha vida, me ajudaram muito em vários momentos, riram e choraram comigo. Tenho certeza que as levarei para sempre em minhas lembranças e em meu coração. Esses anjos são:

Minha Mãe Rita e minha Tia Geralda; as mulheres da minha vida que sempre se preocuparam com o meu futuro e não mediram esforços para que eu realizasse meu sonho.

Meu namorado; Jessé de Jesus Silva, que acreditou em mim e superando a distância dos quatro anos de graduação permaneceu ao meu lado e sempre me lembrava da responsabilidade e da importância da minha profissão.

À moradia Estudantil da Unesp local sem o qual não teria realizado a graduação e que também foi um ambiente de aprendizagem para toda a vida.

À minha orientadora Laura Noemi Chaluh que me ensinou a ver as possibilidades e alegrias da escola e sempre me animou quanto a minha carreira como professora.

Obrigada Ao projeto de Extensão, ao Curso de extensão com as coordenadoras e ao Pibid. Ambos coordenados por minha orientadora. Espaços que me aproximaram das questões escolares e tornaram a graduação mais significativa.

Aos professores da graduação que me apresentaram diferentes perspectivas da educação e que me introduziram na teoria e mostraram a importância desta para dar sustento à prática.

Aos professores e aos funcionários das escolas do Pibid e dos Estágios (Andiara, Bétsamar, Débora, Denise, Dona Mari, Doris, Malta, Rose, Silvia, Tatiana, Valdete) que me acolheram com grande carinho e me ensinaram muito sobre a prática docente e a vida da escola.

Aos Meus Amigos pessoas que coloriram minha vida com as suas e tornaram os anos neste lugar doces e alegres. Alguns em especial cito aqui.

A Camila Ribeiro, Camila Appolinário e Viviane Colácio, minhas amigas de graduação que viraram amigas para a vida, com elas mais ri do que chorei, com elas reaprendi a ser criança e a não ligar para o que os outros pensam.

À Flavia Appolinário, Irla Carla Diniz, Jonatans Galdi Rosa, Luciana Eugenio Amigos que me receberam na moradia que foram muito pacientes comigo, além de me apresentarem ao mundo universitário e a tornarem os dias de adaptação lindos, acolhedores e divertidos.

À Maria Appolinário ou Dona Maria uma mulher muito determinada e que foi o anjo que me ajudou em vários momentos difíceis e sempre se preocupou comigo e foi como uma mãe em vários momentos.

Aos meus amados: Caio Alessandro, Luis Henrique, João Marcos, João Pedro, Lilian Silva. José Renato, Estela, Rodrigo, Natalia Dorta Pessoas maravilhosas que alegraram muito minha vida na universidade e que deixo na graduação ou na pós-graduação esperando voltar para prestigiar a colação de grau dessas pessoas que formaram uma nova família.

A turma de pedagogia 2011, pessoas que formaram a melhor turma que eu poderia ter tido e que tive o grande prazer de compartilhar de diálogos muito relevantes sobre as questões educacionais em diversos aspectos.

Aos funcionários da Biblioteca da Unesp que com tanta paciência me ajudaram a entender os processos de formulação de um trabalho de conclusão de curso, assim como aos funcionários do departamento de Educação.

A todas essas pessoas o meu grande obrigada.

*Nada É Impossível De Mudar*

*Desconfiai do mais trivial,  
na aparência singelo.  
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.  
Suplicamos expressamente:  
não aceiteis o que é de hábito  
como coisa natural.  
Pois em tempo de desordem sangrenta,  
de confusão organizada,  
de arbitrariedade consciente,  
de humanidade desumanizada,  
nada deve parecer natural.  
Nada deve parecer impossível de mudar.*

*Bertolt Brech  
Fonte: (Luso, 2008)*

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, intitulado “Charges um olhar estereotipado dos professores”, é o resultado de um interesse sobre esse tipo de arte gráfica desde a adolescência atrelada à curiosidade sobre a imagem construída historicamente sobre os professores e sobre sua vida profissional. Este trabalho tem por objetivo analisar os estereótipos que são atribuídos aos professores nas charges procurando observar características de gênero, de vestuário e de caráter psicológico. Para atingir esse objetivo, teve-se o intuito de utilizar como material de pesquisa as charges do autor italiano Francesco Tonucci que publicou mais de mil charges na Itália e na Espanha. Esse autor procura abordar em seus desenhos temas que mostram a educação formal e informal em seu país, criticando à forma como a educação é tratada, essas realidades se encaixam com a do Brasil em muitos aspectos, e são estes aspectos que forneceram dados para análise. Para desenvolver essa pesquisa se utilizara a abordagem qualitativa, seguindo a metodologia de pesquisa documental e bibliográfica. Neste trabalho foram observados os estereótipos atribuídos aos professores e discutiu-se que imagem é transmitida desse profissional por esse suporte de leitura tão popular. Para aprofundar a questão dos estereótipos se realizou leituras de artigos que abordaram a questão dos estereótipos no contexto educacional, além de fontes que forneceram explicações sobre o fundamento histórico que deram razões para que esses estereótipos acontecessem. Quanto às charges se realizou um breve apanhado histórico de como esse tipo de arte gráfica surgiu e porque faz tanto sucesso nos meios de comunicação.

Palavras-Chave: Charges. Professores. Estereótipos.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Frato.....	23
<b>Figura 2</b> – Exemplo de Cartum.....	28
<b>Figura 3</b> – Exemplo de Caricatura.....	29
<b>Figura 4</b> – Tirinha de Calvin e Haroudo.....	30
<b>Figura 5</b> – A Campanha e o Cujo.....	31
<b>Figura 6</b> – Afinal deu a mão à palmatória.....	32
<b>Figura 7</b> – As aventuras de Nhô Quim.....	32
<b>Figura 8</b> – O cemitério da Consolação no dia de finados.....	33
<b>Figura 9</b> – Queremos o poder (Henfil).....	34
<b>Figura 10</b> – Ame-o ou Deixe-o (Ziraldo).....	34
<b>Figura 11</b> – A censura (Millôr).....	34
<b>Figura 12</b> – O homem questionado em suas ideias.....	35
<b>Figura 13</b> – Humor.....	35
<b>Figura 14</b> – A última do Frato.....	36
<b>Figura 15</b> – (Quadro) As personagens nas charges.....	39
<b>Figura 16</b> – (Gráfico I) Professores demonstrados nas charges.....	40
<b>Figura 17</b> – (Quadro) Classificação das charges.....	41
<b>Figura 18</b> – (Gráfico II) Professores nas fases de ensino nas charges por sexo.....	43
<b>Figura 19</b> – (Gráfico III) Professores da educação básica segundo o sexo.....	44
<b>Figura 20</b> – O difícil ofício dos professores.....	45
<b>Figura 21</b> – Escola maternal.....	46
<b>Figura 22</b> – Creche: hora de comer.....	48
<b>Figura 23</b> – Formação para o Maternal.....	49
<b>Figura 24</b> – Adotei um livro.....	50
<b>Figura 25</b> – O trabalho do professor.....	51
<b>Figura 26</b> – Avaliação.....	52
<b>Figura 27</b> – Conversa sobre inclusão.....	53
<b>Figura 28</b> – É duro agradar a todos.....	54
<b>Figura 29</b> – O binômio fantástico.....	56
<b>Figura 30</b> – A correção.....	56
<b>Figura 31</b> – As borboletas.....	57
<b>Figura 32</b> – Perspectiva.....	57
<b>Figura 33</b> – Porque será?.....	58
<b>Figura 34</b> – Professores em formação.....	59
<b>Figura 35</b> – As promessas dos novos programas.....	60
<b>Figura 36</b> – O horário.....	61
<b>Figura 37</b> – Amarrado a estrutura curricular.....	61
<b>Figura 38</b> – Homenagem a Piaget.....	62
<b>Figura 39</b> – Programação.....	62
<b>Figura 40</b> – Faça o que eu digo, mas não o que eu faço.....	64
<b>Figura 41</b> – Calvin.....	66
<b>Figura 42</b> – O ensino Laico.....	66
<b>Figura 43</b> – Conhecer para conviver juntos.....	67
<b>Figura 44</b> – Os conhecimentos.....	68
<b>Figura 45</b> – Os critérios para à creche.....	69
<b>Figura 46</b> – Perspectiva.....	69
<b>Figura 47</b> – Pais e mães.....	69
<b>Figura 48</b> – Justificativa do atraso.....	70

<b>Figura 49</b> – E depois da morte?.....	70
<b>Figura 50</b> – As respostas inesperadas.....	71
<b>Figura 51</b> – O perigo das plantas.....	71

## SUMÁRIO.

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
<b>3 COM OS OLHOS EM TONUCCI: Sua vida e sua obra.....</b>	<b>23</b>
<b>4 CHARGES: Sua história, suas características e outras coisas mais.....</b>	<b>27</b>
<b>5 CLASSIFICAÇÃO DAS CHARGES NO LIVRO DO TONUCCI.....</b>	<b>39</b>
<b>6 OS ESTEREÓTIPOS NAS CHARGES: Inquietações sobre a imagem do professor.....</b>	<b>43</b>
6.1 Características de Gênero.....	43
6.2 Características Psicológicas.....	51
6.3 Características Físicas.....	65
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>76</b>

## 1 INTRODUÇÃO.

O presente trabalho intitulado “Charges um olhar estereotipado dos professores” é a consequência de uma infância repleta com leituras de muitas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica do escritor Mauricio de Souza. Essas histórias sempre me encantaram e abriram espaço e curiosidade para outros autores deste tipo de comunicação com desenhos e falas.

Em minha adolescência minha atenção se voltou para as charges e as tirinhas com críticas sociais, como as de: Angeli (Chiclete com Banana), Bill Waterson (Calvin e Haroldo), Dik Browne (Hagar o horrível) e Quino (Turma da Mafalda). Estas me fizeram refletir sobre os problemas sociais, sobre a política e sobre o ser humano e suas peculiaridades.

O que mais chama a atenção neste tipo de texto é o fato de que em apenas alguns quadros (às vezes em um quadro somente) se problematizam assuntos difíceis de aceitar tais como as condições precárias de algumas escolas no país, as drogas, o tráfico de pessoas ou a falta de moradia, dentre muitos outros assuntos, e que, nas charges, se apresentam naturalizados, como si tivessem sido banalizadas ao longo do tempo e tidos como normais em nossa sociedade. Mas essa temática não cabe neste trabalho.

No contexto universitário, fui apresentada a essas charges no primeiro ano da graduação em Pedagogia em 2011, pela orientadora desse trabalho, Laura Noemi Chalu. Fiquei encantado com uma charge que falava sobre a postura de uma professora perante a avaliação descritiva das crianças, mas não pensava ainda em fazer uma pesquisa acerca dessa temática, pois ainda estava no primeiro ano da graduação.

No final de 2011 fui convidada a participar do projeto de extensão intitulado “Grupo de Formação: Diálogo e Alteridade”, e neste permaneço até hoje. Neste projeto temos a oportunidade de fazer reflexões sobre a carreira docente e tudo o que a compõe através de diferentes propostas de leitura, como: textos teóricos, crônicas, poemas, cartas, histórias em quadrinhos e charges. Foi neste espaço que me reencontrei com as charges e passei a enxergá-las de maneira mais profunda.

Em 2013 tinha com intuito abordar no trabalho de conclusão de curso a temática dos estereótipos atribuídos aos professores, mas me faltava um material sólido para fazer as análises sobre esse tipo de caracterização feita aos professores. Fui rerepresentada ao escritor e

desenhista italiano Francesco Tonucci conhecido por suas charges que abordam temas relativos à educação formal e não formal em 2013, no contexto do referido projeto de extensão. A partir de então optei pelo uso das charges deste autor que:

Começou a publicar suas charges satíricas sobre os problemas da educação em algumas revistas de educação infantil italianas e espanholas. Depois de 13 anos de trabalho, em 1981, suas charges foram reunidas em um livro chamado *Com olhos de criança*. Após, seguiram-se outros livros com charges publicadas em revistas ao longo dos anos. Participou como desenhista (com mais de 1000 desenhos) de uma antologia da língua italiana, das quais foram vendidas milhares de cópias (TONUCCI, 2008, p.vii, prefácio).

Elegi as charges de Tonucci como objeto deste estudo, considerando a possibilidade deste material ser um elemento de análise crítica dos processos educativos que retrata as características que se atribuem aos professores com frequência.

Mas o impacto da obra de Tonucci não pode ser dissociado da sua personalidade. Sobre isso, ousou afirmar que a característica mais importante da sua obra consiste em incorporar a generosidade, a paixão, a honestidade intelectual e o comprometimento social no marco conceitual a partir do qual são analisadas as políticas públicas. Em sua obra, a dimensão subjetiva e emocional constitui o lugar a partir do qual podem ser interpretadas as categorias provenientes das dimensões sociológicas, políticas, econômica, cultural ou pedagógica (TEDESCO, 2008, p. 23).

Partindo do pressuposto que a charge nada mais é do que um “cartum que faz crítica social ou política” (FERREIRA, 2010, p. 159), pode-se afirmar que esta é como um espelho em que a sociedade é refletida através do olhar do cartunista, na qual por ela se consegue transmitir sensações de conflito, empatia e reconhecimento.

Ao ler esse tipo de texto há sempre um convite ao riso e a reflexão. E muitas vezes esses atos, vêm acompanhados de longas inquietações sobre o tema em questão. Além da crítica a charge ainda apresenta como característica o humor.

O humor pode ser elaborado a partir de qualquer tema e pode ter como objetivo ridicularizar aquele que é centro do enredo humorístico. O humor quanto aos objetivos pode se dividir em três categorias: a) o riso pelo riso, em que apenas se visa divertir; b) a liberação, que busca romper a censura social, que deseja modificar a sociedade ao mostrar o ridículo de certos comportamentos e situações; e por fim c) a denúncia, que mostra comportamentos e situações incentivados socialmente, enfatizando seu lado negativo. Essas categorias são apenas separáveis analiticamente, porque no concreto elas se encontram combinadas (SILVA, 2002, p. 50).

Rir ou não, vai depender do contexto e da compreensão do leitor sobre o assunto abordado, pois para se entender esse tipo de leitura se faz necessário um conhecimento prévio

do tema tratado na charge e mesmo assim essa compreensão não garante o riso (SILVA, 2002).

Outra característica importante de se comentar são os códigos linguísticos utilizados nas charges que se assemelham ao código das histórias em quadrinhos: os balões, que podem apresentar-se de diferentes maneiras dependendo do contexto e da finalidade que se quer transmitir ao leitor.

As charges ainda têm outra distinção, pois:

Muitas vezes, o chargista costuma fazer a crítica sobre uma situação do agora realizando uma comparação da mesma com algum fato passado. Dessa maneira, o chargista se transforma em um sujeito capaz de propor uma perspectiva do passado que reafirme ou promova um contraste com a vivência do presente [...], devemos nos lembrar que quaisquer outras charges podem ser trabalhadas como documentos da história (SOUSA, 2014).

Todos esses atributos mostram como as charges são ricas em discurso e expressividade, por isso pretendo utilizá-las para identificar como os professores são retratados, neste meio de comunicação de massa. Essa pesquisa abre a possibilidade de perceber questões históricas que marcam a identidade do que é ser professor na atualidade.

Uma característica histórica que marca essa identidade social do ser professor é a presença predominante de mulheres nos anos iniciais da educação formal (creche, pré-escola e ensino fundamental) esse fato pode estar ligado à criação das escolas normais em meados do século XIX e também ao abandono das salas de aulas por parte dos homens, fato observado em muitos países, isso devido provavelmente à urbanização e a industrialização o que aumentou as oportunidades de emprego para os homens e proporcionou as mulheres o trabalho nas escolas como professoras (LOURO 1997). Devido a esse fator histórico as charges retratam professoras nos anos iniciais da educação.

As charges podem contribuir para análise dos estereótipos atribuídos aos professores, e através desse meio de comunicação de massas, pode-se revelar como a sociedade enxerga esse profissional e sua carreira. Logo esse trabalho tem como intuito levar o leitor a refletir sobre os estigmas aplicados aos docentes.

Para Magalhães e Ruiz (2011, p. 129-130) utilizando Goffman (1988) como sustento teórico:

[...] em dada sociedade, quando adentramos os espaços e encontramos os indivíduos construímos uma expectativa em relação a estes, ou seja, aquilo designado por Goffman (1988) “expectativas normativas”. Por exemplo, ao longo da vida, caso tenhamos convivido mais com professores de comportamento austero, vestidos de forma sóbria, cujo relacionamento em sala de aula com seus estudantes pode ser considerado como “fechado”, com concepção de educação centralizada e rígida, podemos ter tendência de esperar que todos os professores tenham estas características (MAGALHÃES e RUIZ, 2011, p.129-130).

Estes tipos de caracterizações são comuns aos professores e “quando encontramos um professor com comportamento diferente, podemos não reconhecer nele a ‘postura’ ou papel de professor” (MAGALHÃES E RUIZ, 2011 p. 130).

Por se tratar de um material elaborado por um ser humano histórico e social é compreensível que as charges de Tonucci reflitam as características de professores que fizeram parte de sua história. São estas caracterizações que se abordara neste trabalho buscando verificar que tipos de posturas estão sendo elencadas sobre os professores nestas charges.

Para realizar esse trabalho partirei de duas questões que o nortearão: Como os professores são expostos nas charges de Tonucci? O porquê dessa caracterização?

Partindo destas perguntas ter-se-á como objetivo geral descrever quais são os estereótipos atribuídos aos professores nas charges, procurando observar características de gênero, de vestuário e de caráter psicológico.

Como objetivo específico pretende-se:

- Contribuir com a sistematização de referencial teórico que trata de estereótipos.
- Conhecer a história do autor Francesco Tonucci.

Tendo em vista os temas que nortearam esse trabalho, passemos agora para a forma como tal foi organizado.

O primeiro capítulo apresenta a metodologia que utilizei para desenvolver este trabalho e apresento também alguns artigos sobre estereótipos encontrados no site do SciELO (Scientific Electronic Library Online) que, “é uma biblioteca virtual piloto que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros, com base hospedada na Fapesp. Apresenta textos completos de artigos”, em diferentes áreas (GIL, 2008, p. 74). Já o capítulo dois apresenta a vida e obra de Francesco Tonucci, o autor das charges que são foco deste

trabalho, para analisar os estereótipos atribuídos aos professores. O terceiro capítulo apresenta a história, as características e curiosidades sobre as charges. O quarto capítulo abrange a classificação das charges do livro “Frato: 40 anos com olhos de criança” do autor Francesco Tonucci onde quantifico as charges existentes neste livro levando em consideração as seguintes dimensões: pais, crianças e professores e outros (como médicos, enfermeiros, arquitetos e alguns personagens não identificados). No quinto **capítulo** trago as análises das charges quanto ao gênero, a características físicas e psicológicas acerca dos professores. E por fim apresento as considerações finais, referente a todo trabalho realizado.

## 2 METODOLOGIA.

Para o desenvolvimento da pesquisa utilizei a abordagem qualitativa, haja vista que para realizar uma pesquisa deste tipo se faz necessário confrontar os dados, as evidências se as informações coletadas sobre o assunto tratado assim como utilizar o conhecimento teórico acumulado sobre este (LÜDKE, ANDRÉ, 1986).

Para concretizar esse trabalho desenvolvi uma pesquisa documental que: “[...] pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando uma técnica, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (LÜDKE, ANDRÉ 1986, p.38). No caso utilizei a segunda abordagem.

A pesquisa documental também,

[...] assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre um determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (GIL, 2008, p. 45).

As charges do desenhista Francesco Tonucci são os documentos base que utilizei neste trabalho. Por se tratar de um material que não recebeu nenhum tratamento analítico, me permitem analisá-los de maneira que contemple meu objetivo, que é descrever os estereótipos de professores aplicados nestas charges.

Para realizar tal tarefa realizei uma pesquisa bibliográfica que buscou discutir esses estereótipos e o que é que se entende por estereótipos nas mesmas. Para isso parto da concepção de que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em materiais já elaborados, constituídos principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p. 44).

Esse material foi utilizado para dar base teórica ao trabalho buscando neles subsídios para explicar o porquê destes estereótipos serem aplicados aos professores em um gênero textual como as charges.

Para alcançar tal objetivo fez-se uso de periódicos que, “constituem o meio mais importante para a comunicação científica. Graças a eles é que vêm-se tornando possível a comunicação formal dos resultados de pesquisas originais e a manutenção do padrão de qualidade na investigação científica” (GIL, 2008, p.66).

Esses periódicos foram encontrados no site do SciELO (Scientific Electronic Library Online) que, “é uma biblioteca virtual piloto que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros, com base hospedada na Fapesp. Apresenta textos completos de artigos”, em diferentes áreas (GIL, 2008, p. 74).

Para encontrar os artigos que nortearam esse trabalho utilizou-se como palavras-chave: Preconceito e Educação, com estas foram encontrados 36 artigos, a partir daí se realizou uma triagem neste material, pois nem tudo era interessante para o tema do trabalho (SEVERINO, 2000). Para selecionar os artigos que mais se aproximavam da proposta deste trabalho fez-se uma leitura previa dos resumos dos artigos encontrados e a partir desta se elencou os mais pertinentes. Dos 36 artigos encontrados apenas 10 se mostraram relevantes para o trabalho, os demais tratavam sobre sexualidades e saúde.

Com as palavras-chave, Estigma e Educação foram encontrados 04 artigos relevantes para complementar o tema. Com as palavras Estereótipo e Educação não se encontrou nenhum artigo.

Estes artigos além de fornecer subsídios para o desenvolvimento deste trabalho, ainda permitiram recolher através de suas referências uma variedade de teóricos que trabalham com essas temáticas.

Por se tratar de poucos artigos, far-se-á um pequeno resumo de cada um deles, para explanar os tipos de preconceito que estão sendo abordados neste tipo de veículo de publicação acadêmica:

As sequências de artigos a seguir são referentes às palavras-chave preconceito e educação.

O primeiro artigo é “A constituição social da subjetividade: Notas sobre Central do Brasil” de autoria de Roseli Aparecida Cação Fontana. A autora utilizou do filme “Central do Brasil” de Walter Salles para discutir o papel do professor e como este vem sendo desvalorizado em sua prática como profissional. Para isso a autora utilizou-se da personagem principal uma professora aposentada chamada Dora que ao encontrar com Josué um menino sem mãe e a procura do pai tem sua vida transformada e ressignificação. A partir desta personagem a autora busca em Vigotski, Bakhtin, Politzer, bases teóricas para explicar a subjetividade do papel do professor e busca mostrar que o fazer docente se constrói com o

diálogo com o outro, é a partir daí que a educação deixa de ser vista como uma mera mercadoria. O preconceito abordado em tal artigo se refere a inúmeras relações sociais, não só sobre a professora, mas desta sobre a sociedade.

O segundo artigo intitulado “Análise de atitudes de professoras do ensino fundamental no que se refere à educação inclusiva” tem como autores: José Leon Crochík; Dulce Regina dos Santos Pedrossian; Alexandra Ayach Anache; Branca Maria de Meneses; Maria de Fátima Evangelista Mendonça Lima. Os autores realizaram uma pesquisa com 12 professores do 5º ano do ensino fundamental I da rede municipal de Campo Grade, Mato Grosso do Sul. Os professores foram divididos em dois grupos de seis professores em cada um, sendo o grupo A, composto por professores que já trabalharam com inclusão em sua carreira e o Grupo B formado com professoras que nunca haviam trabalhado com alunos com deficiências. Nesta pesquisa os autores perceberam alguns traços de preconceito quanto à inserção de crianças com deficiência na escola regular. Os autores constataram também que as injustiças dentro da escola ainda estão presentes, porém os professores buscam promover uma educação mais humana. Os preconceitos vistos neste texto se referem aos dos professores em relação aos alunos com necessidades especiais (os preconceitos não são acerca dos docentes).

O terceiro artigo tem como título “Como incluir? O debate sobre o preconceito e o estigma na atualidade” que tem como autoras Flávia Schilling e Sandra Galdino Miyashiro. Este trabalho é fruto de uma dissertação de mestrado que procurou avaliar, quais eram os estigmas sofridos pelos filhos de presidiários por parte da sociedade. Foram entrevistadas 05 jovens mulheres de 14 a 26 anos e 01 jovem de 21 anos. O que se analisou foi se o estigma aplicado aos pais presidiários era passado para os filhos. O objetivo desta pesquisa foi caracterizar as “reatualizações do estigma na contemporaneidade, abrindo o debate sobre as ‘necessidades educacionais especiais’ em relação a esse grupo social” (SCHILLING, MIYASHIRO, 2008, p. 253). Este artigo não apresenta os estereótipos relacionados aos professores, mas ajuda a compreender como esses se constrói na sociedade.

O quarto artigo é “Diferença e desigualdade: dilemas docentes no ensino fundamental” e tem como autoras Vera Maria Candau e Miriam Soares Leite. Neste trabalho, as autoras utilizaram como fonte de pesquisa um grupo de professores para discutir o dilema entre diferença e desigualdade, e qual as concepções destes professores sobre cada um. Participaram do grupo focal 12 professores de diversas áreas do conhecimento e que trabalhavam com o ensino fundamental em escolas públicas (apenas uma professora nunca

havia trabalhado em escola pública). As informações foram colhidas durante a conversa que se estabelece entre o grupo sobre o tema em questão (este grupo é chamado pelas autoras de grupo focal), as discussões são mediadas por uma das pesquisadoras. Muitos assuntos são abordados, mas os diálogos giraram ao redor das diferenças culturais e os preconceitos que são atribuídos a essas culturas dentro da escola (como a cultura negra ser foco do trabalho pedagógico).

O quinto periódico apresenta como título “Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação” de Deborah Christina Antunes e Antônio Álvaro Soares Zuin. Tal artigo procurou discutir a questão do Bullying nova nomenclatura para algumas violências vivenciadas nas escolas, para isso a autora utilizou dos autores, Adorno e Horkheimer para explicar como esse fenômeno é tratado na atualidade. O artigo vai muito além da caracterização do Bullying. Os autores procuraram se pautar em uma abordagem na qual o preconceito é definido pela sociedade (ou seja, é a sociedade que os cria) os autores defendem que a violência nas escolas devem ser analisadas a partir da sociedade que a cerca buscando estudá-las em sua totalidade.

O sexto artigo com o título “Educação infantil: análise da manifestação social do preconceito na atividade principal de jogos” tem como autor Gustavo Martins Piccolo. O artigo começa com o autor suscitando o que poderia ser considerado atividade, para diferentes teóricos como Marx e Vygotsky, depois ele insere o contexto da atividade central que para alguns autores seria diferente em cada momento da vida. O autor destaca que a atividade central das crianças pré-escolares são as brincadeiras que envolvem o lúdico como jogos de teatralização e a brincadeira de faz de conta. A partir destes jogos e brincadeiras a criança vai demonstrar as vivências que ela tem constituída por sua história de vida e com isso acaba mostrando os preconceitos que estão presentes em suas relações sociais. Sua pesquisa foi realizada com crianças com a faixa etária dos 5 aos 6 anos. Este artigo não trata dos estereótipos relacionados aos professores, estes aparecem apenas como mediadores nas brincadeiras lúdicas para desfazer alguns preconceitos apresentados pelos alunos.

O sétimo artigo tratasse de uma análise quantitativa de dados fornecidos em periódicos nacionais de educação, filosofia e psicologia entre os anos de 1970 e 2003. Este intitula-se: “Ética preconceito e educação: características das publicações em periódicos nacionais de educação, filosofia e psicologia entre 1970 e 2003” os autores são Alessandra de Moraes Shimizu; Ana Paula Cordeiro e Maria Suzana de Stefano Menin. Nestes artigos analisados

foram observados como a educação moral e as questões da ética e da educação, foram incorporados à escola. Para isso as autoras utilizaram de uma triagem dos periódicos através de leitura prévia dos resumos dos artigos para selecionar aqueles que tinham relação com os objetivos da pesquisa. Após esta triagem as autoras organizaram os periódicos por categorias e a partir destas, elas elaboraram gráficos e tabelas para demonstrar como os temas do preconceito e da moralidade vinham sendo abordados durante a época descrita.

Já o oitavo artigo intitulado: “Preconceito, moralidade e educação moral para a diversidade” de Viviane Potenza Guimarães Pinheiro. Procura discutir, utilizando de um arcabouço variado de teóricos, a relação que se estabelece entre a moral e o preconceito. A autora parte da ideia de que o preconceito se deve a falta de reflexão e para combater esses preconceitos a autora defende a educação moral voltada para o respeito e para a tolerância das diferenças com o intuito de minimizar os estereótipos e os preconceitos na sociedade, através da escola. Para que isso ocorra a autora propõe, como uma proposta de ação, algo para pensar nestas relações preconceituosas que ocorrem dentro da escola, a resolução de conflitos. E para que essa resolução ocorra a autora propõe que os educadores procurem formas de promover a educação moral, através das reflexões coletivas dos preconceitos.

O nono artigo intitulado “Relações entre preconceito, ideologia e atitudes frente à educação inclusiva” tem como autores José Leon Crochík, Ricardo Casco, Mariane Ceron e Fabiana Olivieri Catanzaro. E é parte de uma pesquisa realizada com 188 estudantes de pedagogia da cidade de São Paulo, que buscou identificar preconceitos destes alunos com relação à educação inclusiva. Para isso os pesquisadores usaram de dados quantitativos através de questionários para averiguar o quanto esses futuros professores estavam presos a preconceitos com relação à educação inclusiva. Os pesquisadores observaram que os alunos não apresentam tantos preconceitos com a educação inclusiva, os próprios pesquisadores colocam a importância de um trabalho futuro com entrevistas para recolher mais dados sobre este tema.

O décimo artigo, intitulado, “Só de corpo presente: o silêncio tácito sobre cor e relações raciais na formação de professoras no estado do Pará” é de autoria de Wilma Nazaré Baía Coelho. Esse trabalho visou averiguar a questão racial abordada na formação de professores oferecido em uma instituição de ensino em Belém do Pará, mais precisamente no IEEP (Instituto de Educação do Estado do Pará) no período de 1970 a 1989. Tem como objetivo situar as questões étnico-raciais se apresentava no sistema educacional do estado do

Pará. Para isso a autora utilizasse de dados quantitativos que ela procurou nos arquivos do IEEP no qual pouca coisa foi encontrada devido ao estado de conservação dos documentos. Ela ainda utilizou dados do IBGE sobre a população negra no Brasil no âmbito econômico e educacional. Além disso, utilizou artigos publicados na época para verificar os enfoques educacionais da época. E recolheu depoimentos de docentes e discentes sobre o curso no IEEP. Com isso ela contribui com a demonstração de que o preconceito racial ainda está muito presente em nossa sociedade.

Os próximos artigos foram encontrados com as palavras-chave “Estigma e Educação”, nos quais a grande maioria também aparecia com as palavras-chaves anteriores, além de grande parte não se encaixar com a proposta deste trabalho, por isso apenas quatro artigos foram selecionados. São eles:

O primeiro que tem como título: “Estigma e Currículo Oculto” de autoria de Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães e Erasmo Miessa Ruiz. O objetivo deste artigo, que é um ensaio teórico, foi realizar uma discussão sobre estigma e suas formas de manifestação no currículo da escola, tomando por base a noção de currículo oculto. Esta discussão foi realizada tendo como pano de fundo os processos de escolarização de alunos com necessidades especiais. A autora traz em seu artigo o caso de Wellington de Menezes de Oliveira, que cometeu a chacina contra as crianças de uma escola no Rio de Janeiro. A partir deste caso as autoras procuram descrever o que alunos estigmatizados sofrem dentro da escola. O preconceito mencionado neste artigo se refere ao que é sofrido pelo aluno com alguma diferença física que não é aceita pela sociedade como algo “normal”.

O segundo artigo intitulado “Quem são os meninos que fracassam na escola” de autoria de Marília Pinto de Carvalho. A autora procurou analisar quais os alunos que fracassam mais na escola, partindo de uma pesquisa que envolvia a cor das crianças (sugerida pelas próprias crianças e pelas professoras) e a classe social e o gênero. A autora identificou que as crianças que tinham seu desempenho escolar baixo, eram negras e pardas, de classe social mais baixa e em sua grande maioria menino. O preconceito que é demonstrado no artigo é a classificação que as professoras entrevistadas fazem com relação à cor de pele das crianças, as professoras classificaram as crianças em sua maioria como branca, quando a maioria das crianças se definiu como negra. O estigma que é apresentado neste artigo se refere a essa classificação das professoras.

O terceiro artigo trata de uma pesquisa realizada com um grupo 12 adolescentes de entre 14 e 17 anos de uma escola pública e uma privada de Joinville e tem por título: “Preconceitos na escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no ensino médio” e seus autores são Aliciene Fusca Machado Cordeiro e Jully Fortunato Buendgens. Através de entrevistas semidirigidas as autoras analisaram quais as formas de compreensão destes adolescentes sobre preconceito, a partir das vivências e experiências deles dentro da escola. Por meio das respostas a autora separa os relatos em: a) preconceitos: tipos e significados, b) manifestações de preconceito e sentimentos, c) movimentos de inclusão/exclusão na escola: a visão dos adolescentes e d) preconceito: equívocos e silenciamentos nas discussões escolares. Discutindo esses quatro tópicos a autora traz reflexões sobre estigma, estereótipos e generalizações que estão presentes nos espaços escolares, ela coloca que o assunto sobre preconceito deve ser mais trabalhado nas escolas com esses adolescentes.

O quarto artigo que tem como título: “Escolarização e preconceito: lembranças de jovens com e sem deficiência” é de autoria de Nathalie Guerrero Ohl; Carla Biancha Angelucci; Aneline Menezes Nicolau e Caroline Honda. Esse artigo aborda o tema da inclusão através de narrativas recolhidas pela pesquisadora em entrevistas feitas a alunos com e sem deficiência com o intuito de perceber relações de preconceito que ocorreram durante o período escolar. A autora faz um levantamento sobre o que seria considerada deficiência além de uma breve contextualização histórica de como a deficiência era tratada até os dias atuais. Com sua pesquisa a autora chega à conclusão de que muitas das memórias dos alunos com e sem deficiência, estão ligadas aos momentos de interação com os outros colegas, enfatizando assim o papel da escola como local de socialização, além disso, aponta algumas melhoras nos aparatos físicos da escola para atender os alunos com deficiência, mas o preconceito ainda é presente neste espaço social.

Ao analisar os artigos pode-se observar que estes, na sua grande maioria, não trazem a questão dos estereótipos aplicados aos professores, mas abordam a questão relacionada a preconceitos e bullying. Percebe-se que muitas vezes os temas não estão ligados diretamente ao professor, mas estes aparecem em segundo plano como autores ou mediadores para a conscientização e a melhoria das relações interpessoais no contexto escolar. Os alunos e a questão da deficiência aparecem em grande parte dos artigos. É interessante notar que os professores não são colocados como alvo de estigmas, preconceitos ou estereótipos.

Este será o caminho que se utilizará para realizar este trabalho buscando sempre embasamento teórico para sustentar as afirmações realizadas no trabalho. Após ter definido o caminho, o convido agora para conhecer um pouco mais da vida e da obra de Francesco Tonucci.

### 3 COM OS OLHOS EM TONUCCI: Sua vida e sua obra.

**Figura 1** – Frato.



Fonte: (TONUCCI, 2008, p. 244)

Neste capítulo pretende-se abordar um pouco da biografia do autor Francesco Tonucci. Para se obter essas informações utilizou-se dos escritos de amigos e do próprio autor, publicados em alguns de seus livros, através destes relatos se observara a vida as produções e a formação deste escritor, desenhista e pesquisador.

Francesco Tonucci nasceu na cidade de Fano, no ano de 1941 na Itália. Vive atualmente em Roma. Já Frato nasceu no coração e na cabeça de Francesco, e seu nome é a junção das primeiras sílabas do seu nome.

No excerto abaixo retirado de seu livro “Frato 40 anos com olhos de criança” explica como surgiu o pseudônimo de Francesco Tonucci (Frato) que é a junção dos prefixos de seu nome e sobrenome, além de mostrar sua paixão pelas artes desde criança.

Nasceu em uma noite em Roma no ano de 1968, ao desenhar a charge reproduzida ao final deste livro. Mas seu autor já tinha uma veia artística inata e fazem parte de suas recordações infantis as professoras da escola que admiravam seus desenhos no quadro-verde. Desde criança, seu autor dedicou-se ao desenho, ao estudo do corpo humano e ao estudo da arte sacra. Gostava de visitar os ateliês dos pintores de sua cidade para ver como trabalhavam, descobri quais eram seus segredos e aproveitar os tubos de tinta que colocavam no lixo. Então os abria, retirava a tinta que sobrava e utilizava a lâmina de chumbo para pequenos trabalhos (TONUCCI, 2008, p. vii, prefácio).

Sua paixão pelas artes teve que ser submetido a poucos momentos de descanso depois que Tonucci entrou para o curso de pedagogia na Universidade Católica do Sagrado Coração em Milão. “Contudo, a verdadeira vocação sempre foi a arte, o desenho e a pintura,

aquela que sentia como realmente própria desde que era pequeno e que até então não tinha exteriorizado” (TONUCCI, 2008, p.vii, prefácio).

A partir do momento em que o Francesco artista se une com o Tonucci pedagogo surge o desenhista Frato que através de seus desenhos aborda temas referentes às crianças. Tendo como objetivo “[...] olhar o mundo com olhos de criança, dar voz às crianças que normalmente se calam e denunciar em seu nome os erros que nós os adultos, cometemos com eles” (TONUCCI, 2008, p.vii, prefácio).

Sua vida como Frato surge por que:

Em 1968, buscávamos novos meios de comunicação: teatro popular, poesias, manifestos, assembléias, etc.; os intelectuais sentiam o mal-estar de um possível isolamento e viam o perigo de ficar encerrados em sua própria comunidade científica e, portanto, sentiam a necessidade de encontrar novas formas de atingir um público cada vez mais amplo com as reflexões e o resultado de suas pesquisas. Tenho que reconhecer – e creio que hoje já posso confessá-lo – que, a princípio, me parecia pouco apropriado que um pesquisador ou artista desenhasse tiras cômicas ou satíricas, e assim preferi não assiná-las com meu próprio nome. Foi assim que nasceu Frato, que assumiu a paternidade e a responsabilidade dessas criações da “mão esquerda” (TONUCCI, 2008, p. 15).

Para Tonucci (2008) o maior êxito que ele teve com esse trabalho foi inserir a sátira na escola uma instituição, que como ele mesmo coloca hostil que cala as vozes das crianças, não só por meio dos professores, mas também pelos progressistas. Para os quais ele trabalhou por toda a vida.

No excerto que segue o próprio Autor explica como surgiu seu primeiro livro de charges, intitulado: “Com olhos de criança”. Segundo Tonucci (2008, p.11).

Meu Primeiro livro de charges nasceu em 1980, como um presente pela passagem dos meus 40 anos, e a apresentação seria do meu queridíssimo amigo, e uma destacada personalidade, Gianni Rodari. Mas, quis o destino que Gianni nos deixasse alguns meses antes da publicação do livro, e foi então que decidi dedicar o livro a ele e escolhi como apresentação uma cantilena, uma poesia, que Gianni escreveu para *Palavras para jogar*, seu último livro publicado em vida e que tive o privilégio de ilustrar .

O livro em comemoração aos quarenta anos de atividades do Frato mantém a mesma dedicatória a Gianni Rodari e apresenta também o seu poema “O homem da orelha verde”.

Apesar de tudo isso seus desenhos sempre se mantiveram longe dos desenhistas e ilustradores profissionais, e suas obras foram sempre expostas dentro do âmbito educacional (TONUCCI, 2008).

Este fato se deve por sua postura crítica sobre como a criança é tratada dentro da sociedade, e o ambiente educacional como universidades se mostram abertos a críticas sobre adultos em geral, principalmente referentes à postura destes com as crianças. Suas charges denunciam as práticas educacionais utilizadas até hoje, além da precária formação dos professores, essa postura faz deste autor um “Robin Hood, um desmancha prazeres e agitador de consciências tranquilas e acomodadas... Um militante da provocação infatigável” (MALAGUZZI, 2008, p. 17).

Segundo Malaguzzi (2008, p. 17) como armas “Francesco utiliza o lápis, a antiga pluma dos escribas e uns poucos traços para a moral da história e para, como se costuma dizer, trazer a tona os problemas”.

Para Magdalena (2008) os desenhos de Tonucci são expressivos e transmitem a cerne do que pode ser a vida. Tonucci consegue alcançar os diferentes problemas da educação e despertar mentes acomodadas utilizando-se do humor e da ironia presentes em seus desenhos. Segundo Magdalena (2008, p.19) “Tonucci nos ensina algo que esquecemos no triste mundo em que vivemos, que o humor é o alimento necessário para a vida”.

Ainda Mauro (1997, p. 10) afirma:

É verdade: os desenhos falam. Esta também é uma tese cara à educação linguística democrática: a de que, para comunicar-se, é necessário dominar não apenas as palavras, mas todos os modos de expressão, a começar pelas imagens. Cronista irônico e atento a combates dos quais participou na linha de frente, Frato nos dá implicitamente uma nova prova da validade dessa tese.

Para Tedesco (2008) as críticas e reivindicações de Tonucci não excluem a importância do papel do adulto na vida e desenvolvimento das crianças, pois para ele são os adultos que devem garantir que os diferentes espaços da cidade garantam uma infância feliz às crianças, pois:

Assumir a responsabilidade adulta não significa impor determinadas pautas de maneira arbitrária ou autoritária. A voz das crianças deve ser ouvida, suas demandas devem ser atendidas e suas visões devem ser levadas em conta. Mas a responsabilidade adulta consiste, justamente, em escutar, considerar e analisar, e a partir desses elementos e da sua visão adulta e responsável, ter a capacidade de elaborar e implementar as políticas mais adequadas (TEDESCO, 2008, p. 23).

Por todo esse esforço de fazer com que as vozes das crianças fossem ouvidas que as obras de Frato se perpetuaram por inúmeros países e seus livros traduzidos para o espanhol,

catalão, francês, galego e português, algumas de suas charges dentre os mais de mil desenhos que elaborou estão presentes em revistas pedagógicas, no Brasil, na Inglaterra, no Japão e em Israel (TONUCCI, 2008).

Até aqui alguns aspectos da história e ideias de Francesco Tonucci (ou Frato se preferir) um italiano que ganhou o mundo com suas charges. Charges essas que deixaram muitas pessoas com profundas reflexões sobre a educação. Para encerrar esse capítulo deixo a escrita na qual Tonucci faz a seguinte reflexão em homenagem a Frato em comemoração a seus 40 anos de existência:

Acredito que hoje, depois de 40 anos de curiosa relação entre nós dois, às vezes meio esquizofrênica, conflituosa e afetuosa, me resignei a envelhecer com você e, portanto, posso, com toda a sinceridade, desejar-lhe (e desejar-me) que continue acompanhando meu trabalho, por muitos anos, sempre ao lado das crianças (TONUCCI, 2008, p.16).

#### 4 CHARGES: Sua história, suas características e outras coisas mais.

Para contextualizar melhor o objeto de estudo desse trabalho se fará um breve apanhado histórico das charges buscando verificar a sua finalidade, suas características e os principais autores nacionais deste meio de comunicação e crítica.

A informação visual é uma das mais antigas formas de se expressar e de se comunicar que a humanidade tem registrado, as pinturas rupestres nas paredes de cavernas representavam o cotidiano e as histórias do Homem pré-histórico. “Com o desenrolar da história humana que essa arte, marcada pela utilização da imagem de modo peculiar, passa a se apresentar como um dos mais importantes recursos de linguagem da atualidade” (RIANI, 2002, p. 19).

Ao longo da história o uso de imagens para relatar acontecimentos ou ainda ideias e crenças a serem passadas para as próximas gerações foi se aperfeiçoando e ganhando formas mais elaboradas, como: as pinturas em paredes e ânforas na Grécia e no Egito, os vitrais em igrejas da Idade Média, os cartazes de propagandas, as fotografias. Todos estes são exemplos de como a imagem transmite a todos de maneira clara alguma mensagem (TEIXEIRA, 2013).

Uma das formas possíveis de se reconhecer a crítica política e social em alguns períodos históricos é através das artes produzidas pelas pessoas que viveram nestes períodos. As artes plásticas, a música e a literatura são exemplos comuns de como se pode apreender o espírito de uma época. Há também outra forma de perceber estes aspectos sociais: através das **charges, caricaturas e cartuns**. Utilizadas principalmente como arma de ataque político e de crítica aos costumes (PINTO, 2013).

As charges não são diferentes quanto o transmitir uma ideia de alguém ou um acontecimento, suas diferenças esta na maneira como o fato será exposto. O uso de caricaturas e ataques diretos e críticos marcam as principais características das charges. O uso de desenhos – muitas vezes simples – com poucas falas deixa esse tipo de meio de comunicação acessível a quem o visualize. Moya (1996 p. 88) afirma que “os quadrinhos retomam a linguagem simples e universal das pinturas das cavernas”, com um pouco de conhecimento sobre o que está ocorrendo naquela época é possível entender tal imagem. O cartunista francês Honoré Daumier (1808-1879) é considerado o precursor do gênero, notabilizando-se por suas produções de crítica política, voltada, em especial, ao governo do rei Luís Filipe I (ARAÚJO, 2013).

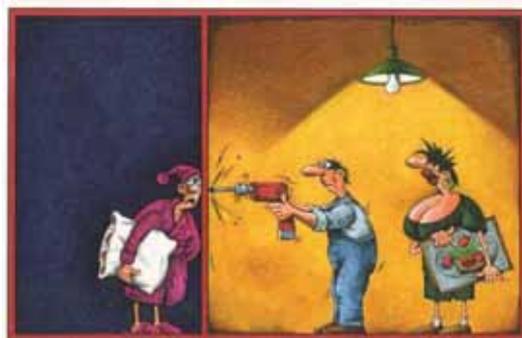
A partir do século XVI até o século XVIII, o povo recebia notícias por meio de pequenos impressos que tinham muitas imagens. Muitas dessas imagens foram as primeiras

formas de charge política. Elas se tornaram comuns em toda a Europa e nos Estados Unidos durante o século XIX (TEIXEIRA, 2013). Faço aqui uma ligação destes impressos com os cordéis, pequenas revistas que continham histórias rimadas e que apresentavam ilustrações feitas por xilogravuras – estas são desenhos entalhados em madeira que formam uma espécie de carimbo que é utilizado para reproduzir a imagem em revistas de cordel – em algumas era comum ter uma crítica social com referência principalmente ao coronelismo, essa forma de expressão tipicamente brasileira foi uma das nossas primeiras manifestações de arte gráfica e literária nacional.

Mas retomando as charges, vemos que esta apresenta características de desenho e escrita que a coloca em uma “grande família” de gêneros gráficos que compreendem os cartuns, as tirinhas, as histórias em quadrinhos e as caricaturas. Para diferenciar cada gênero apresento a seguir uma breve definição de cada um dos integrantes dessa família.

O Cartum também conhecido como caricatura de costumes é geralmente confundido com a charge por suas semelhanças visuais – como o fato de serem apresentados em um único quadro e o humor envolvido em ambos –, eles se distinguem pela temporalidade e pelo fato retratado: enquanto a charge está baseada em fatos reais ou em personagens reais relacionados a acontecimentos políticos, econômicos, culturais, etc., o cartum trata de temas mais gerais e universais eles não citam um caso ou uma pessoa específica. Por isso, este tem uma vida útil bem mais longa e sua compreensão se torna mais duradoura do que a charge, no cartum ainda não se tem a presença de uma personalidade real ou pública. E a mensagem é transmitida apenas com o desenho, este não se utiliza de textos ou “balões” (RIANI, 2002).

**Figura 2** - Exemplo de Cartum.



Fonte: (KURTU apud RIANI, 1997).

A Caricatura é a representação de uma pessoa com seus traços fisionômicos e psicológicos bem marcados e exagerados, ou seja, não é intenção do artista mostrar a ação ou fato ocorrido com a pessoa desenhada, este procura resaltar algumas características do retratado quanto a quem ele é, como é visto ou interpretado. Essa categoria exige do artista uma técnica mais elaborada quanto às artes plásticas, para que seja reconhecido o personagem desenhado. A caricatura se assemelha a charge no que diz respeito ao conhecimento prévio do receptor sobre a pessoa retratada (RIANI, 2002).

A caricatura a seguir representa o cantor e compositor Chico Buarque de Holanda.

**Figura 3** – Exemplo de Caricatura.



Fonte: (MACHADO, apud RIANI, 1999)

Já as Histórias em Quadrinhos também conhecidas como HQs são narrativas maiores com enredos personagens principais e são publicadas em gibis ou revistas em quadrinhos ou mangás que são revistas em quadrinhos japonesas que são lidas da direita para a esquerda. O objetivo da História em Quadrinhos é contar uma história, e este tem grande proximidade com o cinema por seus enfoques, roteiro, trama, relação tempo/espaço (como voltas ao passado, avanços para o futuro, entrecortadas, etc.), movimento ou no caso das HQs a simulação deste.

A compreensão se dará ao leitor pela leitura de um quadro após o outro. Este tipo de arte gráfica não envolve necessariamente o humor. Faz parte das Histórias em Quadrinhos a categoria de Tiras, ou Tirinhas que são sequencias mais curtas de quadros variando de três a cinco quadros, e que estão presentes em jornais e por isso apresentam uma narrativa mais curta que as HQs e podem ser cômicas ou críticas. O texto nas Histórias em Quadrinhos ou nas Tiras é apresentado com o uso do balão de fala para os personagens e no canto superior sem balão para o narrador (RIANI, 2002).

Figura 4 – Tirinha de Calvin e Haroudo.



Fonte: (DEPÓSITO DO CALVIN, 2011.).

As Charges por sua vez procuram retratar um fato ocorrido ou situação que envolva uma pessoa, utilizando-se do humor e da sátira para expor, denunciar ou criticar uma postura ou condição da pessoa ou da sociedade retratada. A palavra charge é de origem francesa e significa carga ou ataque referência ao exagero para tornar cômicos os traços fisionômicos de alguém (GARCIA, 2012). Elas têm como características a utilização de um único quadro, podem fazer uso de balões de fala, escritas ou apenas conter o desenho, o receptor deve ter um conhecimento prévio do assunto ou pessoa retratada. As charges perdem seu caráter cômico e crítico com o passar do tempo e em determinadas sociedades que não vivenciam os mesmos valores, cultura expressas nas charges. Estão presentes em sua grande maioria em jornais e trazem com sigto notícias do dia a dia de uma maneira mais humorada (RIANI, 2002).

Os veículos que transportam as charges são geralmente aqueles que não têm muita duração, mas mesmo assim aquela imagem de alguma forma trás inquietação. Para Garcia (2012)...

Quando um leitor abre o jornal ou acessa um site de notícias para se informar, difícil não se encantar pela sacada satírica que envolve o cotidiano. Assim como um texto jornalístico, charges revelam as incongruências e dissabores da política e da sociedade. Nada mais simples do que parodiar a frase atrelada às obras literárias de Machado de Assis, criada por José Lins do Rego: as charges usam luvas de pelica para esbofetear a sua humanidade.

Mesmo sendo criada na Europa a charge se adaptou muito bem ao humor brasileiro.

Charge tupiniquim - A primeira charge do Brasil data de 1837, poucos anos após a independência do país. A arte, intitulada A Campanha e o Cujo, circulou por 160 réis nas ruas do Rio de Janeiro sem assinatura do autor, o pintor e poeta Manuel de Araújo Porto Alegre. Tratava-se, na época, de uma sátira ao assunto tratado pelo jornalista Justiciano José da Rocha. Este denunciava as propinas recebidas por um funcionário do governo ligado ao Correio Oficial. Com elementos excessivos e dotados de muita informação no princípio, o processo das charges foi se aperfeiçoando e chegou a uma linguagem simples e acessível, capaz do leitor captar o sentido em segundos (GARCIA, 2012).

Abaixo a primeira charge do Brasil “A campanha e o Cujo” de Manoel de Araújo Porto-Alegre. Publicada pelo Jornal do Commercio Nº 277, 14-12-1837.

**Figura 5** – A Campanha e o Cujo.



Fonte: (MAGNO, 2012, p. 67)

No início as charges eram publicadas e vendidas avulsas. Compravam-nas em lojas e livrarias (TURILLI, 2012). Foi em 1844, que a primeira revista começou publicá-las regularmente, essa revista é a “Lanterna Mágica”. Depois, revistas como *Semana Ilustrada*, *Vida Fluminense*, *O Mosquito*, *Comédia Social*, *O Mequetrefe*, e *Don Quixote* estampavam charges em suas publicações (GARCIA, 2012).

Para Alecrim (2012).

A popularidade da caricatura vem de longe. O prestígio que as charges tinham, desde que surgiram na imprensa nacional, estava ligado não apenas à qualidade do traço dos desenhistas, mas também à importância que elas tiveram naquele momento. Em meio às profundas mudanças sociais e políticas ocorridas no século XIX, com a propagação de pensamentos abolicionistas e republicanos, a imprensa nacional tinha um problema básico a enfrentar: a maioria da população brasileira era analfabeta. As caricaturas foram, então, fundamentais na divulgação de ideias, a ponto de o diplomata Araújo Porto-Alegre (1806-1879) ter se dedicado a essa arte.

No império, os caricaturistas tinham “certa” liberdade, pois o imperador consentiu com a liberdade de imprensa no país, mas mesmo assim não foi poupado das críticas dos caricaturistas, principalmente “quando dom Pedro II tentou intervir na Igreja, na chamada Questão dos Bispos, na década de 1875” (ALECRIM, 2012) que tinha como título “Afinal... Deu a mão à palmatória” feita pelo artista Bordalo Pinheiro.

**Figura 6** – Afinal deu a mão à palmatória.



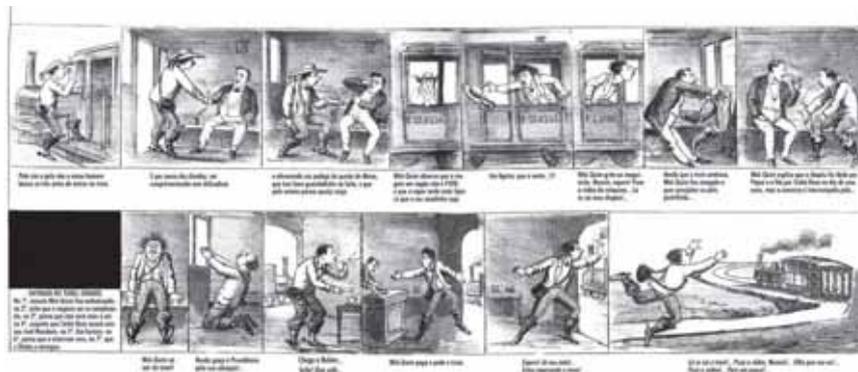
Fonte: (OLHO NA HISTÓRIA, 2011).

Algumas pessoas foram de extrema importância para que as charges se popularizasse no Brasil.

No caso do ítalo-brasileiro Angelo Agostini, é importante saber que foi um pioneiro na produção de charges no Brasil na segunda metade do século XIX, e que editou não apenas a *Revista Illustrada*, mas diversos periódicos, entre eles *O Mosquito*, *O Malho* e *Vida Fluminense*. O reconhecimento de sua obra é tão sólido que seu nome batiza um prêmio concedido anualmente pela Associação de Quadrinistas e Caricaturistas de São Paulo, e inspirou a criação do Dia do Quadrinho Nacional, comemorado em 30 de janeiro, data em que Agostini publicou a primeira história em quadrinhos no Brasil: *Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte*. (ARAÚJO, 2013).

Trecho da primeira novela gráfica brasileira – assim eram chamados no país as histórias em quadrinhos na época – “As aventuras de Nhô Quim, ou Impressões de uma Viagem à corte” Em: A VIDA FLUMINENSE N°57, de 30-01-1869.

**Figura 7**– As aventuras de Nhô Quim.



Fonte: (MAGNO, 2012, p.202,203)

Segundo Turilli (2012,) “No início do século 20, a imprensa brasileira, então já configurada nos moldes empresariais, vê surgir à figura do jornalista que se autodenominou Barão de Itararé. Ele, com sua irreverência, contribuiu para popularizar as charges”. Mas estas

nem sempre foram bem vistas em diferentes épocas, principalmente pelos governantes e pessoas envolvidas com a política da época que eram alvos frequentes das charges e da imprensa.

Algumas vezes os motivos das perseguições e processos ocorriam com charges que ridicularizavam a sociedade e seus costumes, como por exemplo:

O caricaturista italiano Angelo Agostini foi processado por ter retratado no jornal paulistano “Cabrião” mortos e vivos dançando no Cemitério da Consolação. A publicação foi absolvida, mas passou a enfrentar problemas financeiros. As coisas mudaram com a república, mas não para melhor. O humor cáustico dos artistas foi controlado com mãos de ferro. (ALECRIM, 2012).

Abaixo a charge de Angelo Agostini que deu início ao processo contra o Cabrião: “O cemitério da consolação no dia de finados” publicado no jornal Cabrião N° 6, de 4-11-1866.

**Figura 8** – O cemitério da consolação no dia de finados.



Fonte: (MAGNO, 2012, p.200).

Nota-se a censura ocorrendo nos jornais devido ao modo como o autor da charge expos a sociedade da época com seus vícios e desejos. Censurar ilustrações do tipo é uma prática que os governos mais centralizadores utilizavam para manter o controle sobre a população e para não despertar o pensamento sobre tal retrato exposto dos padrões sociais vigentes. Há exemplo de como a censura age nos governos centralizadores contra as expressões críticas tem-se:

O jornal carioca “O Malho”, que chegou a vender cerca de 30 mil exemplares, foi empastelado pelo Estado Novo. A caricatura, como voz política, ajudou, [...] a forçar o Brasil a lutar contra o nazismo na Segunda

Guerra Mundial (1939-1945). Mais tarde, ilustradores enfrentaram a ditadura militar publicando em veículos como “Pif Paf”, “Correio da Manhã” e “O Pasquim”. “A charge teve forte papel na redemocratização do Brasil” (ALEGRIM, 2012).

Na década de setenta em meio aos “anos de chumbo” que as charges têm um grande destaque. Nesta época o país pode saborear a criatividade de alguns autores, como: Ziraldo, Jaguar, Millôr Fernandes, Lan, Chico Caruso e Henfil. Nesta época muitos artistas foram exilados devido à suas críticas ao governo.

Charges de Henfil e Ziraldo e Millôr feitas durante a Ditadura Militar no Brasil.

**Figura 9:** Queremos o Poder (Henfil).



Fonte: (SALA 33, 2014)

**Figura 10:** Ame-o ou Deixe-o (Ziraldo)



Fonte: (PORTAL DO PROFESSOR, 2013).

**Figura 11:** A censura (Millôr)



Fonte: (ANDRE, 2011)

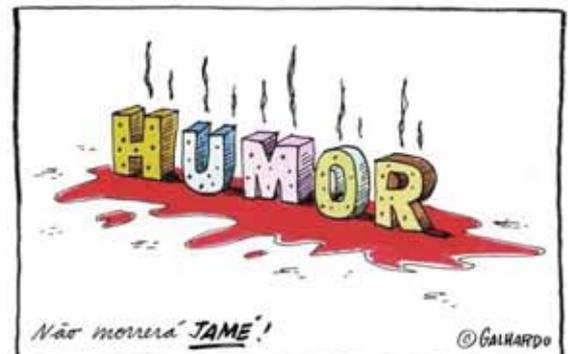
As reações que as charges podem causar podem ser diversas, como o incômodo, o riso, a indignação ou ainda a repudia pelo que está exposto. O caso mais recente dessa reação foi o atentado terrorista ocorrido na França no dia sete de janeiro de 2015, no qual três homens entram no jornal satírico Charlie Hebdo (referencia no campo das charges políticas e religiosas) e mataram doze pessoas incluindo quatro chargistas que eram conhecidos por sua forte critica satírica sobre o profeta Maomé. Esse atentado foi considerado pela imprensa como um ataque à liberdade de expressão e de imprensa. A frase Je Sui Charlie (Eu sou Charlie) foi utilizada em diversos protestos na França em outros países para dar força ao jornal vítima do atentado terrorista Charlie Habdo. Alguns chargistas brasileiros fizeram homenagem aos mortos neste ataque com algumas charges. A seguir duas charges realizadas pelos autores Lor e Caco Galhardo:

**Figura 12** – O Homem questionado em suas ideias



Fonte: (GLOBO, 2015)

**Figura 13** – Humor.



Fonte: (GLOBO, 2015)

Como exemplo deste tipo de reação que a charge pode causar na pessoa alvo da critica realizada, se pode analisar a charge de Tonucci que mostra a reação de uma professora ao ler uma de suas charges sobre os professores.

**Figura 14** – A última do Frato.



Fonte: (TONUCCI, 2008, p.188).

Essa atitude da professora mostra como as charges às vezes escandalizam mais do que a realidade. A professora no caso afirma ser verdade o que o artista escreveu no início da charge, mas em seguida entendendo a crítica por este elaborada sobre a sua postura como professora fica nervosa e afirma que tudo é uma mentira.

Araújo (2013) afirma que: “Qualquer análise iconográfica pode começar pela contextualização da imagem: discutir o momento em que foi produzida e a quem foi destinada e, em seguida, partir para a interpretação de seus sentidos”. No caso da professora nota-se esta contextualização a partir do momento que ela se revolta com o chargista, demonstrando assim que quem lê a charge precisa entender além da imagem e observar o contexto em que esta foi escrita.

O chargista tece uma crítica a um personagem, fato ou acontecimento específico e somente quem possui conhecimento sobre esta ocorrência poderá entender adequadamente a mensagem. Como leitura ou interpretação da realidade, a charge possui caráter humorístico e crítico, que propõe a compreensão do que está dito e também do não dito (ARAÚJO, 2013).

Esta charge também nos revela uma característica importante deste tipo de produção artística: O riso que esta produz nos leitores. E esse riso só é possível porque o cômico só existe dentro do universo humano, pois, algo só se torna risível se tiver alguma ligação com uma atitude humana ou com uma produção deste (BERGSON, 1993).

Eis o primeiro ponto para o qual chamamos a atenção: não existe cômico fora do que é propriamente humano. Uma paisagem poderá ser bela,

graciosa, sublime, insignificante ou feia; mas nunca será risível. Podemos rir-nos dum animal, mas somente porque surpreendemos nele uma atitude de homem ou uma expressão humana. Podemos rir-nos de um chapéu, mas do que a gente se ri não é do bocado de feltro ou de palha, mas da forma que os homens lhe deram, do capricho humano que o modelou (BERGSON, 1993, p. 18).

Outra característica do riso que está presente quando vemos uma charge é o fato de termos que nos desapegar dos sentimentos a um primeiro momento. A professora da charge no início não faz ligação do que esta representa e ri, pois não ligou esta com algum sentimento em específico. Depois de ligar a charge a uma crítica a sua postura como professora, seu sentimento de descontentamento se manifesta e o riso é cancelado.

Para Bergson (1993, p. 19) “O cômico exige, pois, finalmente, para produzir todo seu efeito, qualquer coisa como uma anestesia momentânea do coração”.

Notemos agora, como um sintoma não menos digno de atenção, a insensibilidade que, normalmente, acompanha o riso. Dir-se-ia que o cômico não pode produzir a sua vibração senão caindo numa superfície de alma bastante uniforme, bastante calma. A indiferença é o seu meio natural. O riso não tem maior inimigo do que a emoção (BERGSON, 1993, p. 18).

Ao afirmar isso o autor coloca o riso no campo do não questionamento, por isso a charge se torna um importante meio de crítica social, pois primeiramente ela possibilita o riso, sobre assuntos bem polêmicos, mas pouco tempo depois esta desperta o entendimento e assim encerra-se o riso e principia a reflexão, pois algum sentimento foi despertado com a charge.

Outra característica do riso na charge é que ele só ira aparecer se a pessoa que lê pertencer à sociedade ou a cultura em que tal charge foi produzida, pois, muitos dos efeitos cômicos são intraduzíveis numa língua para outra, relativos, por conseguinte, aos costumes e às ideias numa sociedade particular, isso porque o riso precisa de um entendimento prévio do que se fala (BERGSON, 1993).

Logo o riso só existe porque o ser humano existe e porque este vive em sociedade, pois sozinhos não produzimos o cômico. “Para compreender o riso é preciso localiza-lo no seu meio natural que é a sociedade; temos que determinar a sua função útil que é uma função social [...] o riso deve preencher certas exigências da vida em comum, deve ter um significado social” (BERGSON, 1993, p. 21).

Este significado social do riso está presente nas charges que apresentam os dilemas sociais de diferentes esferas como, a política, a educação, as relações sociais, a economia.

As charges ainda contribuem como um instrumento de memória do passado. Por meio desses desenhos vemos as dificuldades enfrentadas, os governantes, as disputas políticas, as concepções ideológicas e como estava o cenário social em tal época.

Para Sousa (2014)

Nos meios de comunicação, o uso das charges esteve sempre vinculado à realização de algum tipo de reflexão sobre os acontecimentos do cotidiano. Tendo grande espaço dentro dos jornais diários, as charges parecem ter se transformado em grandes ícones que relatam o cotidiano por meio da expressividade das imagens e o uso de um texto curto e sugestivo. Contudo, esse “narrador do agora” também pode ser um importante instrumento de reflexão do passado (SOUSA, 2014).

Mas o passado fica apenas na reflexão, pois o modo de produção das charges depois da revolução tecnológica fez com que o processo de criação destas se modernizasse e ficassem mais elaborados, além da caneta, do papel e de uma pitada de sátira o chargista se vale de nanquim e Photoshop. “Da técnica nanquim, de onde advém a delineação do esboço, o trabalho é finalizado no programa de edição. Prova de que não basta ter apenas um bom traço para a criação de uma charge. É preciso, também, conhecer as técnicas do programa de edição de imagem” (GARCIA, 2012).

Além disso, o chargista deve estar sempre atualizado e pesquisar muito sobre a sociedade e as notícias do dia. Segundo Garcia

O processo criativo para fazer uma charge não é outro a não ser pesquisar. Estar atualizado é essencial para a produção do produto”, isso porque a charge tem uma proximidade com as publicações diárias nos jornais, o que faz delas um produto de rápido consumo e rotatividade, que exigem habilidades artísticas e jornalísticas (GARCIA, 2012).

É por todo esse contexto histórico e atual que as charges encantam e deixam sempre aquele ponto de interrogação na cabeça de quem é apresentado a esse tipo de arte gráfica.

## 5 CLASSIFICAÇÃO DAS CHARGES NO LIVRO DO TONUCCI.

Na presente pesquisa, como já referido, foram analisadas as charges de Tonucci encontradas no livro “Frato 40 anos com olhos de criança” (2008). A seguir explicito o processo metodológico adotado na análise das mesmas.

Neste livro constam 196 charges, a partir deste levantamento foi realizada a leitura das charges para identificar as personagens que nelas são representadas. Em todo o livro as personagens que aparecem são: crianças, pais, adolescentes, professores jornalistas, arquitetos, médicos, enfermeiras, o próprio Frato e alguns personagens que não se pode identificar no contexto que são apresentados nas charges.

O quadro a seguir mostra como as charges estão classificadas por personagens e sua apresentação.

**Figura 15** – (Quadro) As personagens nas charges.

<b>Personagens presentes nas charges</b>	<b>Quantidade</b>
Apenas Crianças	67
Apenas Pais	03
Apenas Professores	10
Adolescentes	05
Crianças e Pais	52
Crianças e Professores	29
Pais e Professores	01
Crianças e Médicos	06
Pais crianças e médicos	03
Pais e Médicos	02
Crianças e Enfermeiras	02
Pais Professores e Crianças	01
Crianças e Jornalistas	05
Personagens não identificáveis	07
Crianças e Arquiteto	01
Frato	02

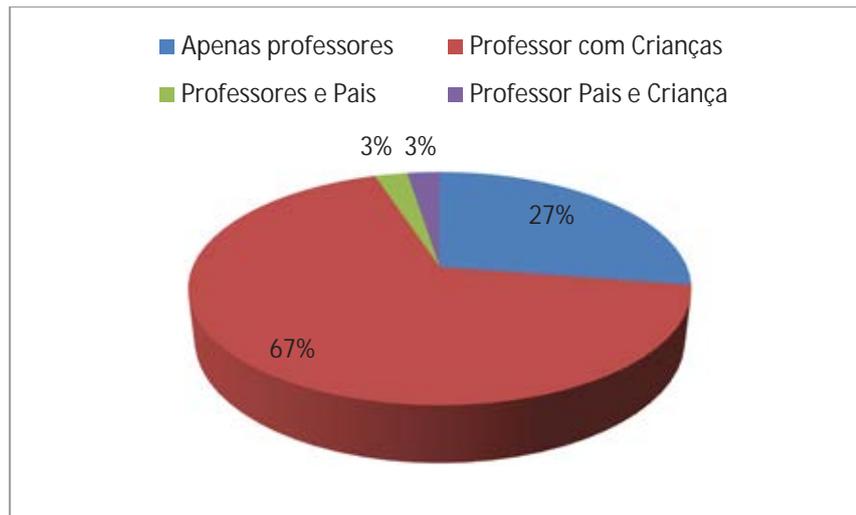
Fonte: Elaborado pela Autora.

Pela tabela pode-se perceber que neste livro as crianças são as protagonistas, e estão presentes em 172 charges. As relações pais e filhos são as mais abordadas no livro presentes em 56 charges. Os professores são apresentados em 40 charges ao longo do livro. Eles

aparecem desenhados ou com suas vozes representadas por balões, e são colocados em situações de diálogo com pais, alunos, professores ou ainda pensando.

O gráfico a seguir mostra a porcentagem de relações em que os professores aparecem nas charges.

**Figura 16** – (Gráfico I) Professores demonstrados nas charges.



Fonte: Elaborado pela Autora.

Das 40 charges que apresentam professores 67% delas mostram estes interagindo com as crianças em momento de aula. 27% mostram os professores sozinhos ou com outros professores, com o percentual de 3% estão os professores em interação apenas com pais e com 3% também, aparecem os professores com os pais e as crianças. Com isso podemos notar que no livro de Tonucci o professor é apresentado em sua função mais característica, o ensino.

Depois desta constatação foram separadas apenas as charges que mostram algum estereótipo de professor, destas foram elencadas 36 charges que apresentam características físicas (relacionada a vestuário) psicológicas e de gênero. Essa classificação das charges em três critérios para analisá-las foi feita visando explorar os estereótipos que são atribuídos aos professores.

É importante salientar que essa classificação foi feita pela autora deste trabalho e que, por esse motivo, esta depende exclusivamente da minha compreensão sobre os temas abordados, pois as charges possibilitam diversas interpretações dependendo da visão de mundo do leitor.

As escolhas pelas características físicas, psicológicas e de gênero se deram a partir da concepção de que o estereótipo é “– a ideia ou convicção classificatória preconcebida sobre alguém ou algo – resultado de expectativas, hábitos de julgamento ou generalizações” (GOFFMAN, 1988 apud SCHILLING, MIYASHIRO, 2008, p.249). Esses três tópicos abordam as perspectivas que se espera dos professores.

É importante salientar que entendo por característica física o modo como os professores são apresentados quanto a suas vestes, cabelo e acessórios (como óculos, colares, brincos, etc.) e se estas representações os expõem como pessoas sérias ou descontraídas. Quanto à característica de gênero percebo esta com relação à apresentação do professor ou professora em determinadas etapas do ensino formal e se está expresso nas charges alguma alusão à profissão como algo de encargo das mulheres. Por característica psicológica observo como o professor é observado em relação às suas posturas com os alunos, como ele age com o aluno em diferentes situações, como ele avalia o aluno, como sua formação o prepara para o trabalho e impingir nele certas características sobre a concepção do que é ensinar e qual é seu papel como educador.

Sobre essa classificação segue o quadro com as 36 charges que apresentam as características de gênero, psicológico e físico com o número da página em que esta aparece no livro e o número que está atribuído a ela no trabalho.

**Figura 17** – (Quadro) Classificação das charges.

<b>CLASSIFICAÇÃO DAS CHARGES</b>				
<b>Número da Página</b>	<b>Número da Figura</b>	<b>Gênero</b>	<b>Psicológico</b>	<b>Físico</b>
<b>60</b>	<b>01</b>	<b>X</b>		<b>X</b>
<b>63</b>	<b>02</b>		<b>X</b>	
<b>64</b>	<b>03</b>	<b>X</b>		
<b>65</b>	<b>04</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>66</b>	<b>05</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>68</b>	<b>06</b>		<b>X</b>	
<b>70</b>	<b>07</b>		<b>X</b>	<b>X</b>
<b>71</b>	<b>08</b>		<b>X</b>	
<b>72</b>	<b>09</b>		<b>X</b>	
<b>73</b>	<b>10</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>74</b>	<b>11</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>105</b>	<b>12</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>141</b>	<b>13</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>

<b>143</b>	<b>14</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>147</b>	<b>15</b>		<b>X</b>	
<b>148</b>	<b>16</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>149</b>	<b>17</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>151</b>	<b>18</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>156</b>	<b>19</b>		<b>X</b>	
<b>157</b>	<b>20</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>160</b>	<b>21</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>168</b>	<b>22</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>169</b>	<b>23</b>		<b>X</b>	
<b>170</b>	<b>24</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>173</b>	<b>25</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>175</b>	<b>26</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>176/177</b>	<b>27</b>			<b>X</b>
<b>178</b>	<b>28</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>179</b>	<b>29</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>180</b>	<b>30</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>181</b>	<b>31</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>182</b>	<b>32</b>		<b>X</b>	<b>X</b>
<b>186</b>	<b>33</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>187</b>	<b>34</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>189</b>	<b>35</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>200</b>	<b>36</b>		<b>X</b>	<b>X</b>

Fonte: Elaborado pela Autora.

## 6 OS ESTEREÓTIPOS NAS CHARGES: Inquietações sobre a imagem do professor.

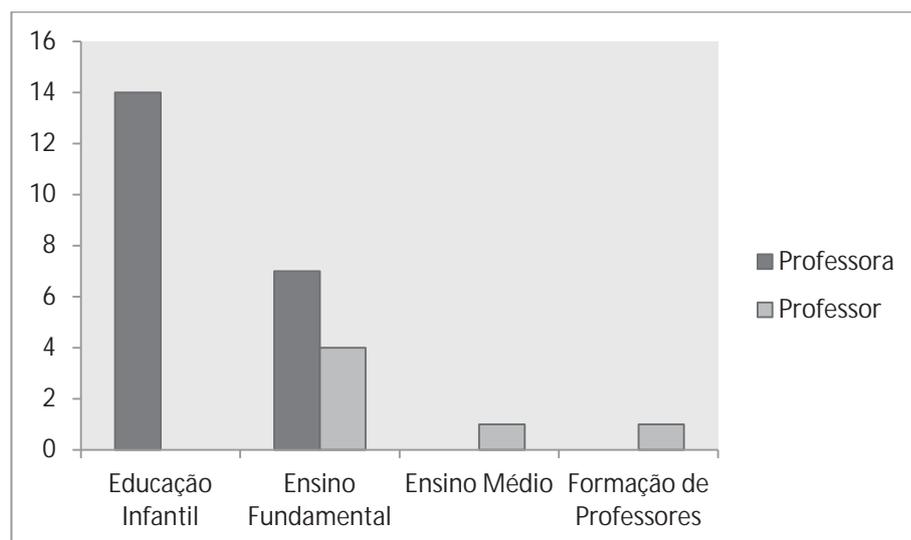
Neste capítulo analiso a imagem do professor nas charges. Para isso considero as três características definidas para esse trabalho, como já explicitado. São elas: característica de gênero, psicológica, e de vestuário.

### 6.1 Características de Gênero

Para começar esse tópico se fará a análise de dois gráficos. O primeiro elaborado a partir das charges do livro de Tonucci, e o segundo a partir de dados recolhidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para formar o senso escolar referente ao ano de 2007.

O gráfico a seguir mostra em que fase do ensino as professoras e professores estão mais presentes no livro de Tonucci. É importante salientar que neste gráfico estão presentes 27 charges que deixam explícito em que fase do ensino aquele professor está exposto através do título ou por alguma pista demonstrada na charge, como: a fala ou a apresentação dos personagens, ou seja, das 36 charges que apresentam o professor no livro de Tonucci apenas 9 não deixam claro em que fase do ensino o professor está ilustrado e por isso não foram contabilizadas neste gráfico.

**Figura 18** – (Gráfico II) Professores nas fases do ensino nas charges por sexo.

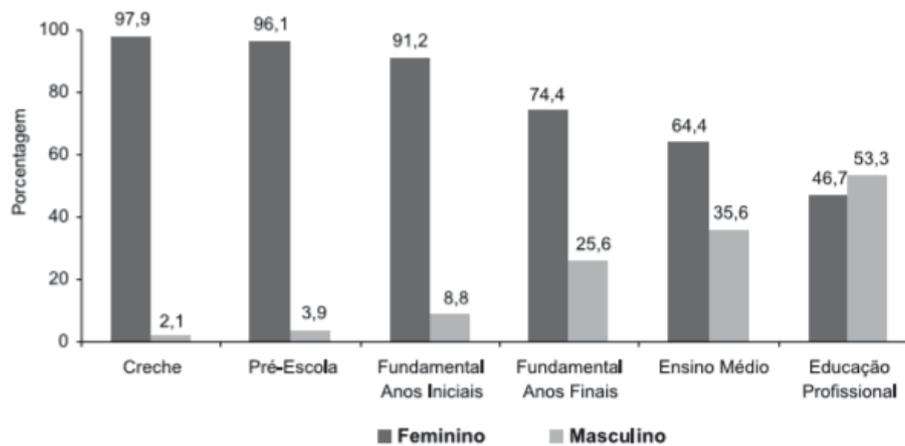


Fonte: Elaborado pela Autora.

Pode-se observar primeiramente o número de vezes que aparecem professoras e professores nas charges e em que etapa do ensino eles são apresentados. Nota-se que a educação infantil é a etapa mais abordada no livro e nesta aparecem apenas professoras (14 vezes). No ensino fundamental as mulheres estão presentes em 07 charges e os homens aparecem em 04. O ensino médio e a formação de professores contam com uma charge para cada e demonstram apenas professores trabalhando nesta fase.

Para melhor desenvolver essas peculiaridades na divisão dos trabalhos entre professores e professoras foram consultados alguns dados disponíveis no “Estudo exploratório sobre o professor brasileiro, com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007”.

**Figura 19** – (Gráfico III) Professores das etapas da educação básica segundo o sexo.

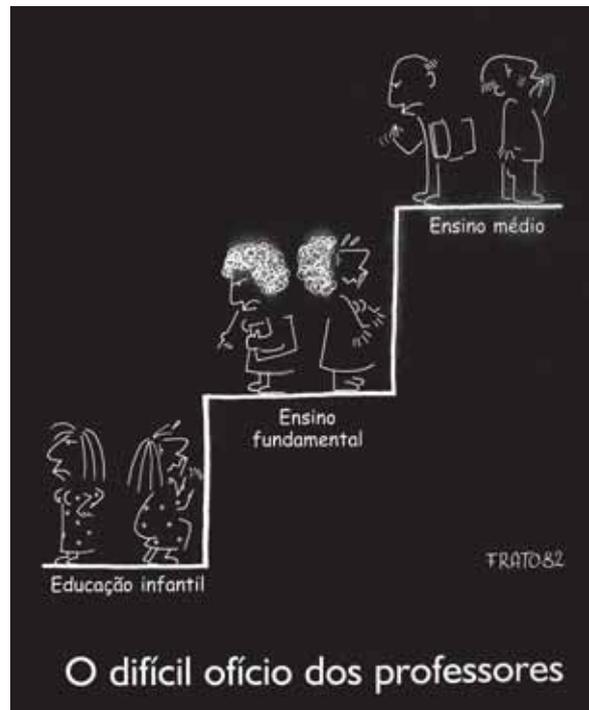


Fonte: (BRASIL, 2007)

Contextualizando o gráfico III pode-se observar que de fato há mais professoras nos anos iniciais da educação e que esse número sofre uma queda conforme o nível de escolaridade vai aumentando. 97,9% dos educadores em creches são mulheres, na pré-escola esse número passa para 96,1%, no ensino fundamental anos iniciais tem-se o número de 91,2%. Após esta fase a presença feminina vai diminuindo e a masculina começa a despontar. No ensino fundamental anos finais as porcentagem de professoras cai 16,8% passando de 91,2% nos anos iniciais para 74,4% nos anos finais do ensino fundamental. O ensino médio e o profissional já contam com uma equidade maior entre os sexos, sendo no ensino médio 64,4% de professoras e 35,6% de professores. O ensino profissional conta com mais homens cerca de 53,3% contra 46,7% de mulheres atuando nesta etapa do ensino.

Analisando os dois gráficos (II e III) nota-se que a disposição dos professores por sexo nas diferentes etapas de ensino se confirmam. Os dois gráficos elucidam a grande concentração do trabalho feminino nos anos iniciais da educação. A presença masculina só será aparente a partir do ensino médio. A charge a seguir demonstra muito bem essa divisão por gênero que ocorre no âmbito educacional. Na qual é demonstrado mulheres na educação infantil e no ensino fundamental e a figura masculina aparece apenas no ensino médio como figura superior às mulheres.

**Figura 20** – O difícil ofício dos professores.



Fonte: (Tonucci, 2008, p.173).

Esta característica da educação infantil e do ensino fundamental de ser composta por mulheres é apresentada na charge a seguir que demonstra crítica que Frato faz a esta visão de escola como segundo lar e como um encontro com a segunda mãe (a professora).

**Figura 21** – Escola Maternal.



Fonte: (TONUCCI, 2008, p.64).

Ao apresentar a escola como o corpo de uma mulher e título da charge ser “Escola Materna” Frato ironiza o conceito de educação infantil que é adotado muitas vezes pela população. A própria nomenclatura das turmas como maternal I e II já dá indícios da participação da mulher nesta etapa do ensino. Esta característica da educação inicial ser formada por mulheres é decorrência de um longo processo histórico de luta feminina por educação e pela atuação no mercado de trabalho.

Durante o século XIX houve um grande avanço na educação das mulheres, as filhas da elite conseguiram ter direito a educação. Mas com algumas normas elas deveriam ser educadas por senhoras e os meninos por homens. Mas...

As tarefas desses mestres e mestras não eram, contudo, exatamente as mesmas. Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para meninos noções de geometria; para meninas, bordado e costura (LOURO, 1997, p. 444).

Com este pequeno trecho já se percebe que a mulher nesta época era destinada ao casamento e ao cuidado dos filhos, sua formação já preparava para tal destino. Pois...

Na opinião de muitos, não havia porque *mobilizar* a cabeça de mulheres com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons

princípios. Ela precisa ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, *o pilar de sustento do lar*, a educadora das gerações do futuro (LOURO, 1997, p. 446-447).

Mas com o surgimento das escolas normais no século XIX as mulheres poderiam agora ter sua formação ampliada, para educar futuras mulheres. Com o passar dos anos os homens foram abandonando as escolas normais e as mulheres começaram a ser maioria formada para ensinar “as primeiras letras”.

Um trecho do texto de Louro (1997) cita uma avaliação de Lourenço Filho em 1921 sobre o aumento do número de mulheres no magistério.

O magistério primário é em todos os países do mundo uma função feminina; no Brasil, as últimas cifras publicadas avaliam a cooperação das mulheres em quase 70% do total de funcionários encarregados do ensino. Particularmente em São Paulo, há uma crise de homens no magistério público. [...] Formaram-se, em 1881, nove homens e uma mulher, em 1882, nove mulheres e onze homens. [...] Daí por diante, desde 1888, o número de senhoras formadas normalistas foi gradativamente crescendo, a ponto de nos últimos dez anos ser quase o triplo... (LOURO, 1997, p. 452).

Esta análise de Lourenço Filho (apud LOURO, 1997) descreve bem nossa situação demonstrada pelo gráfico III do senso escolar, no qual as mulheres são maioria na formação inicial.

Mas a abertura das escolas normais e a formação das mulheres não foram suficientes para permitir que estas assumissem as salas de aulas. Foi necessário criar argumentos para mostrar que as mulheres poderiam exercer tal função sem causar danos a sua definição como mãe de família.

Segundo Louro (1997) houve resistência com a ideia de se permitir que as mulheres assumissem o trabalho docente. “Para alguns parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebro ‘pouco desenvolvidos’ pelo seu ‘desuso’ a educação de crianças” (p. 450).

Para garantir que as mulheres assumissem tal papel foi criado o discurso – que até hoje circula mascarado pela sociedade – que as mulheres são naturalmente preparadas para o trato com crianças devido a maternidade. “Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava de certa forma, ‘a extensão da maternidade’, cada aluno ou aluno seria como um filho ou uma filha ‘espiritual’” (LOURO, 1997, p. 450).

**Figura 22** – Creche: Hora de comer.



Fonte: (TONUCCI, 2008, p. 60).

Temos aí então a explicação da figura 21 que trás a creche como uma barriga feminina para acolher as crianças. Na figura 22 vemos a professora da creche alimentando as crianças o que reforça a ideia de que a mulher deve ser professora, pois ser mãe é uma “aptidão natural” que elas têm.

Ao ter acesso a outro livro do Tonucci, encontrei duas charges que contribuíram muito para aprofundar a discussão sobre a questão de gênero nas fases do ensino. Na charge a seguir temos a formação da professora para o maternal, apresentada no livro “Com olhos de criança”.

**Figura 23** – Formação para o maternal



Fonte: (TONUCCI, 1997 p. 142).

Pode-se notar nesta charge a representação da escola normal através da idade de formação da professora (dos 15 aos 17 anos) e da frase final que coloca a necessidade de mais seios para representar a maternidade, “a verdadeira vocação da mulher”.

Por esses fatos históricos o magistério ganha alguns atributos como uma carreira de vocação, ligado a um dom, uma atividade que exige “características femininas” como paciência, afetividade, doação, carinho, amor. Tudo isso contribuiu para formar a imagem estereotipada da profissão – que é vista como um sacerdócio – e das professoras que são tidas como “trabalhadoras dóceis, dedicadas e pouco reivindicadoras” (LOURO, 1997, p. 450).

Tal colocação fica explícita na charge sutil de Frato sobre o livro didático

**Figura 24** – Adotei um livro.



Fonte:(TONUCCI, 2008, p. 189).

A princípio não se nota a crítica, mas quando esta é contextualizada pelo trecho de Lodi vemos como a formação das professoras foi pensada de uma maneira a torna-las essas profissionais despreparadas e pouco reivindicadoras de direitos seus e dos alunos.

Na época da luta travada contra os manuais, com o objetivo de introduzir na escola a utilização de bibliotecas e um método partindo da experiência das crianças, o desenho-manifesto “Adotei um livro”, com sua crítica mordaz, revela a insegurança da professora-mamãe, desejada por uma sociedade que não prepara os educadores para sua profissão (LODI, 1997, p. 08).

A atuação dos homens na fase inicial da formação sofre também grande preconceito devido à feminização do magistério e ao valor do salário, pois o homem carrega em si a visão social de provedor do lar.

Para Goffmann (1999), a sociedade cria categorizações para classificar pessoas e o total de atributos considerados comuns para o conjunto de membros de cada uma das categorias. Assim, as categorias podem ser divididas, por exemplo, entre homens e mulheres, nível de renda, etnias, grupos religiosos, torcedores de diferentes times de futebol. Os espaços institucionais não são indiferentes a estes e outros tantos grupos (MAGALHÃES, RUIZ, 201, p. 129).

A charge a seguir demonstra a desvalorização do homem na carreira de professor dos anos iniciais.

**Figura 25** – O trabalho do professor.



Fonte: (TONUCCI, 1997, p. 146).

Pode-se notar por esta charge que o professor é visto como aquele que não obteve sucesso em sua vida profissional. Ele não ganha bem, por isso não viaja para “grandes lugares”, não tem o carro do ano. O único lugar em que ele é superior é em sala de aula.

Com todas essas observações podemos sintetizar que as características de gênero que são expostas nas charges apresentam a história da formação dos professores, quanto a incorporação da mulher na carreira docente devido a seus “instintos maternos”, o que transformou esse trabalho em vocação e com isso retirou deste o caráter de profissão,

tornando-o um ato de amor e entrega, sem se pensar em direitos trabalhistas e tudo isso levou ao descrédito do homem que atua como professor.

Partindo desta última colocação far-se-á a análise das características psicológicas referentes ao comportamento dos professores.

## 6.2 Características Psicológicas

Ao longo de seu livro Frato representa os professores em diferentes situações – em sala de aula, conversas com outros professores, planejando aula – mas, há características psicológicas que são demonstradas com certa frequência. Isto ocorre pelo caráter crítico que as charges apresentam o que gera alguns estereótipos dos professores em determinadas situações. Por isso elenco aqui algumas das características dos professores que mais aparecem no livro de Frato.

A avaliação do professor sobre os alunos, a impaciência com os alunos, a falta de formação dos professores, e a submissão deles às regras colocadas, são as características que ficam mais evidentes em suas charges.

A charge abaixo apresenta a avaliação da professora sobre os alunos de sua turma.

**Figura 26** – Avaliação.



Fonte: (TONUCCI, 2008, p.168).

Nesta charge vemos a crítica do autor quanto a rotulação que a professora faz dos alunos os julgando a partir de suas concepções de padrão de comportamento. Nota-se que ao descrever os alunos a professora coloca adjetivos que mostram apenas uma característica do aluno. Além disso, alguns desses adjetivos se opõem. Quando ela coloca que “Luis é vivo de mais” e que “Pedro é apático” ela mostra que deve haver um equilíbrio no comportamento das crianças que agrada a ela. Esse equilíbrio se mostra em José, pois este é sua imagem de “normalidade” por ser parecido com a própria professora.

Os alunos quando são avaliados desta maneira pela professora acabam se distanciando dos padrões de alunos colocados pela professora/sociedade gerando rótulos para cada aluno. Isto ocorre segundo Magalhães e Ruiz (2011) devido a expectativa que o professor cria sobre os alunos e essas expectativas podem ser atribuídas à diferentes fatores como: sexo, raça, classe social, aparência física, deficiências físicas ou mentais, resultados de testes ou padrões de linguagens.

**Figura 27** – Conversa sobre inclusão.



Fonte: (TONUCCI, 2008, p. 182).

Com as charges 26 e 27 vemos a crítica sobre a rotulação dos professores para com os alunos devido às concepções que eles criam como forma de se comportar, diferenças físicas e psicológicas. A charge 27 deixa claro também o despreparo dos professores para tratarem com as diferenças em sala de aula o que contribui para a rotulação e as reclamações sobre os alunos “diferentes”.

Segundo Magalhães e Ruiz (2011, p. 135)

O sistema de avaliação da escola cria categorias de alunos. A avaliação não está associada somente a provas, notas, testes, aprovações e diplomas. Toda uma rede de “elogios” e “censuras” é tecida por professores e outros profissionais da escola; assim, são construídos juízos de valor, os quais separam os “bons” dos “maus” alunos. Deste modo, as crianças aprendem que possivelmente circulam comentários sobre elas na escola; talvez, crianças, pais e mestres não percebam como elas se comportam a partir destes comentários (MAGALHÃES, RUIZ, 2011, p.135).

Mas ao mesmo tempo o professor também pode ser rotulado como uma pessoa que não leva em conta as diferenças apresentadas, que as considera apenas como algo negativo e que trata seus alunos por suas características mais aparentes.

A charge a seguir apresenta um aluno demonstrando como ele deve agir para cada professor.

**Figura 28** – É duro agradar a todos.



Fonte: (TONNUCI, 2008, p. 156).

Como se pode notar o comportamento do aluno se modifica perante os diferentes professores. Esta charge já demonstra que os professores não agem da mesma maneira o mostra que cada um é uma pessoa diferente formada por um processo histórico e social único e individual. O que faz com que cada um espere um tipo de comportamento dos alunos.

Esta charge demonstra que, a única coisa que cada professor tem de diferente, é o comportamento que exige dos alunos, pois na verdade esses não querem diferenças entre os alunos eles esperam um padrão a ser seguido, como: de alunos “humildes e dóceis” ou “ativos e empreendedores”. Os alunos que não se encaixam nas diferentes expectativas dos professores são taxados como indisciplinados, tímidos, rebeldes, etc. Magalhães e Ruiz

(2011) afirmam que os professores podem criar expectativas sobre os alunos, exigindo dentro de sala de aula comportamentos de acordo com suas concepções e perspectivas de aulas e comportamentos adequados ao espaço escolar. Cada professor terá uma perspectiva de aluno e do comportamento deste, mas o que todos têm em comum é o fato de quererem padronizar essa expectativa para todos.

Nas salas de aula, é possível existir constante vigilância de comportamentos, ou seja, há uma espécie de disciplinamento caracterizado pelo respeito à rotina, horários, horas de trabalho e lazer. A forma como a escola organiza-se ensina aos alunos a manter a ordem e a ter clareza do que o professor espera de cada um (MAGALHÃES, RUIZ, 2011, 135).

O professor tem que exigir certo comportamento dos alunos devido ao papel que o este ocupa na sociedade como formador e como aquele que comunicam os conhecimentos historicamente sistematizados. Isto por que...

Os lugares que ocupamos nas relações sociais marcam o para quê e o para quem de nossas ações e de nossos dizeres, sugerem modos de ser e de dizer, delineiam o que podemos (e não podemos) ser e dizer a partir desses lugares, modulando o discurso e os modos de apresentação do sujeito como tal, que vamos elaborando na dinâmica interativa (FONTANA, 2000, p. 222).

É devido a esse lugar que o professor ocupa que seu comportamento é controlado, assim como este controla o comportamento esperado dos alunos. Por isso suas posturas e modos de agir são esperados e estereotipados pela população em geral.

Querendo ou não quando falamos de professor já temos uma imagem construída em nossas mentes – mesmo sem perceber – sobre este profissional. Isso por que, “de forma geral ignoramos esta ‘tendência’ em exigir de determinadas pessoas padrões de comportamento cristalizados, de exigir que assumam papéis segundo nossos ‘modelos’ construídos socialmente” (MAGALHÃES, RUIZ, 2011, p.130).

A imagem do professor que tense hoje foi construída por um longo processo histórico. E esta imagem é passada para as próximas gerações, pois:

Ao nascer, cada um de nós mergulha na vida social, na história, e vive, ao longo de sua existência, distintos papéis e lugares sociais, carregados de significados – estáveis e emergentes – que nos chegam através dos outros. Mediados por nossos parceiros sociais, próximos e distantes, conhecidos e ignorados, integramo-nos progressivamente nas relações sociais, nelas aprendendo a nos reconhecermos como “pessoas” (FONTANA, 2000, p. 222).

Para Magalhães, Ruiz, (2011), ao longo da vida, caso a pessoa tenha convivido mais com professores de comportamento rígido, cujo relacionamento em sala de aula com seus



Pode-se observar que em abas as charges a postura dos professores mostram o poder que estes têm sobre os alunos. Na figura 29 podemos ver o total controle da professora sobre a atividade quando esta se vê frente a uma situação fora de seus padrões de escrita. Quando os alunos propõem a escrita de uma redação com as palavras casa e astronave a professora muda seu semblante e repreende o aluno que falou astronave e se coloca como detentora do saber e impõem as palavras para a escrita da história. O professor da figura 30 ao gritar com o aluno, porque sua resposta estava errada, ao fazer isso ele destrói todo o processo cognitivo que o aluno estava construindo.

Segundo Cordeiro e Buendgens (2012),

Moreira (2005) nos diz ainda que, geralmente, os professores não são preparados para voltar-se criticamente para as suas próprias práticas e perceber o quanto os seus “simples” olhares, desaprovadores ou aprovadores, são ações que também formam sujeitos e ajudam a promover classificações sociais, legitimando e reafirmando modos essencialistas de explicar as relações entre as pessoas, de sorte que sejam negados, a uma parte delas, os seus direitos sociais e humanos. A fala a seguir procura exemplificar a dificuldade do professor em relação ao estudante considerado como hiperativo, segundo o olhar do entrevistado: “por nada implicam com ele, tipo por uma besteira, se fosse com outro aluno não dava nada, mas com ele o professor faz questão de parar a aula, soltar o giz, ah: - Arruma o pé” (p.51-52).

Na charge a seguir vemos a professora impondo para a criança a forma de desenhar subestimando o conhecimento da criança e limitando sua expressão artística.

**Figura 31 – As borboletas**



**Figura 32 – Perspectiva**



Fonte: (Tonucci, 2008, p.147).

Fonte: (Tonucci, 2008, p.148).

A figura 31 mostra como o professor muitas vezes impõe aos alunos a sua maneira de fazer as tarefas, o que faz o aluno pensar no exército onde todos executam a mesma tarefa da mesma forma no mesmo tempo. A Figura 32 mostra a professora pedindo para o aluno refazer seu desenho devido a sua concepção de que chaminés são construídas em ângulos de 90 graus. O aluno refaz o desenho, mas a expressão da professora de inconformada com o entendimento do aluno se faz presente ao final da charge.

Estas charges demonstram o professor em um local de “dono da verdade” e por estar neste lugar ele impõem ao aluno seu modo de pensar. Para Rancière (2011), “há embrutecimento quando uma inteligência é subordinada a outra inteligência” (p. 31).

Quando os professores se colocam como detentores do saber e do modo de fazer algo eles desconsideram o saber do aluno, suas explicações exageradas sobre tudo não proporciona liberdade para o aluno se expressar.

A explicação não é necessária para socorrer uma incapacidade de compreender. É, ao contrário, essa incapacidade, a ficção estruturante da concepção explicadora de mundo. É o explicador que tem necessidade do incapaz, e não o contrário, é ele que constitui o incapaz como tal. Explicar alguma coisa a alguém é, antes de mais nada, demonstrar-lhe que não pode compreendê-la por si só. Antes de ser o ato do pedagogo, a explicação é o mito da pedagogia, a parábola de um mundo dividido em espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e imaturos, capazes e incapazes, inteligentes e bobos. (RANCIÈRE, 2011, p. 23-24)

Ainda sobre o poder do professor e sua função pode-se observar a charge abaixo onde vê-se uma professora na posição de controladora do comportamento dos alunos.

**Figura 33** – Porque será?



Fonte: (Tonucci, 2008, p.181).

Esta professora está representada como “controladora de corpos” ela faz uma série de pedidos às crianças a fim de manter a ordem. O poder desta professora a coloca como sujeito do saber e impõem sobre seus alunos a característica de objeto que recebe os conteúdos sentados e sem questionar (FREIRE, 1996).

Esse tipo de postura do professor acaba por subjugar o aluno a uma única forma de conhecimento e acaba por desprezar o conhecimento do aluno. Freire (1996) discorda desse tipo de postura e afirma que “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um o outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (p. 23).

Para entender todas estas posturas dos professores mostradas até aqui se faz necessário entender um pouco da sua formação, pois antes de serem professores, eles foram alunos.

**Figura 34** – Professores em formação.



Fonte: (Tonucci, 2008, p.176/177).

Nesta charge Tonucci coloca a crítica à formação aligeirada dos professores que cada vez mais passam “voando” pela graduação e logo são colocados em sala de aula. Essa formação aligeirada faz com que os professores se sintam despreparados para lidar com os alunos.

Ensinar era, em um mesmo movimento, transmitir conhecimentos e formar os espíritos, levando-os, segundo uma progressão ordenada, do simples ao complexo. Assim progredia o aluno, na apropriação racional do saber e na formação do julgamento e do gosto, até onde sua destinação social

requeria, preparando-se para dar à sua educação uso compatível com essa destinação... (RANCIÈRE, 2011, p. 19).

Outra crítica à formação se dá na próxima charge:

**Figura 35** – As promessas dos novos programas.



Fonte: (Tonucci, 2008, p.186).

Mestres e estudantes tiveram (e têm) de aprender uma lógica e um ritmo próprios da escola. O tempo escolar, como um fato cultural, precisa ser interiorizado e aprendido. A formação das professoras, portanto, também se faz pela organização e ocupação de seu tempo, pelo uso dos espaços, pelas permissões e proibições para onde ir e não ir (LOURO, 1997, p. 455).

Nesta nota-se a contradição na proposta dos novos programas para a formação dos professores, ao mesmo tempo em que propõem o fim da “era das cátedras” como forma de inovação para a educação que será aplicada por esses futuros professores, mas ao mesmo tempo esses professores para aprenderem essa nova proposta estão submetidos a “era das cátedras”, ele permanecem enfileirados e o professor ao final de sua fala pede para os futuros professores que repetissem a frase que ele falava. Sobre esta postura, como os futuros professores poderão ensinar algo que eles não vivenciaram em sua formação, a vivência que os futuros professores têm de escola e de professor influencia na maneira como esse dará aulas.

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos – conteúdos – acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora me torno o falso sujeito da “formação” do futuro objeto de meu ato formador (FREIRE, 1996, p. 22-23).

Quando Freire (1996) afirma que agora me torno falso sujeito da “formação” nota-se que os professores da figura 35 estão recebendo uma formação embrutecedora que os farão como seus mestres e não como os programas elaborados por pessoas distantes da realidade da formação dos professores idealizaram. Esta charge mostra bem a imposição vertical dos governos, com novos métodos de ensino e técnicas para a educação e o despreparo do professor formador para aplicar tais imposições, ou de questiona-las com os alunos.

Mas é necessário compreender que:

É isto que nos leva, de um lado, à crítica e à recusa ao ensino “bancário”, de outro, a compreender que, apesar dele, o educando a ele submetido não está fadado a fenecer; em que pese o ensino “bancário”, que deforma a necessária criatividade do educando e do conteúdo cujo “conhecimento” lhe foi transferido, mas por causa do processo mesmo de aprender, dar, como se diz na linguagem popular, a volta por cima e superar o autoritarismo e o erro epistemológico do “bancarismo” (FREIRE, 1996, p. 23).

Essa formação descontextualizada com as realidades, aligeirada e que prega uma coisa, mas faz outra, acaba por tornar os professores dependentes de programas governamentais, sem questionarem o porquê de tais imposições.

As charges a seguir demonstram bem esta questão:

**Figura 36** – O horário.



Fonte: (Tonucci, 1997, p.147).

**Figura 37** – Amarrado a estrutura curricular.



Fonte: (Tonucci, 2008, p.180).

Na figura 36 A professora segue as recomendações dos horários como se estes fossem pílulas a serem ingeridas pelos alunos. A dosagem das disciplinas também é uma questão interessante haja vista que as aulas de educação física ocorrem apenas uma vez na semana e antes das refeições e as atividades de expressão devem ocorrer no máximo duas vezes na semana se não podem causar dependência. Esta charge mostra claramente a preocupação dos elaboradores desse horário em não permitir que as crianças aprendam a se expressar para não se tornarem críticos e questionadores. Os professores destas charges não se questionam o porquê eles têm que seguir o horário e os programas ao pé da letra. A figura 37 mostra o professor reclamando o fato de nevar antes do mês de maio.

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. Daí a importância de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador. É muito mais um repetidor cadenciado de frase e de ideias inertes do que um desafiador. O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memórias – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro. Repete o lido com precisão, mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética, mas pensa mecanicamente. Pensa errado. É como se os livros todos a cuja leitura dedica tempo farto nada devesse ter com a realidade de seu mundo. A realidade com que eles têm que ver é a realidade idealizada de uma escola que vai virando cada vez mais um dado aí, desconectado do concreto (FREIRE, 1996, p. 26-27).

Os professores destas charges seguem de maneira cega as imposições que lhes são atribuídas e não se questionam sobre a situação e nem sequer se atrevem a mudar essa condição.

Outra crítica apresentada nas charges é a falta de contextualização dos planejamentos das aulas com o cotidiano e com a inteligência dos alunos.

**Figura 38 – Homenagem a Piaget**

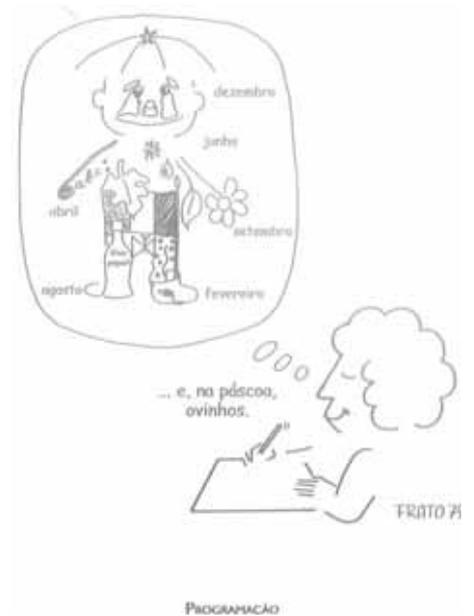
Fonte: (Tonucci, 2008, p.73).

Na figura 38 vemos uma professora estudando a teoria e depois tentando aplicá-la, vê-se que ela não se apropriou de maneira adequada do conhecimento e ainda subestimou a inteligência do aluno ao gritar com ele e não entender que ele estava falando de quantidade numérica enquanto ela queria ensiná-lo a questão de quantidade de massa.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 29).

O pesquisar da professora está longe deste mencionado por Freire (1996), pois esta não interveio de maneira adequada quando o aluno não lhe deu a resposta que ela desejava ouvir. Ou seja, sua pesquisa estava superficial, ela não se indagou sobre o porquê o aluno não entendeu, com isso não comunicou corretamente o que ela aprendeu e ainda colocou a culpa no aluno ao gritar com ele.

Já a figura 39 trás o planejamento da professora que é feito através das datas comemorativas, o que por sua vez não leva em consideração as vivências dos alunos. Quando ela fala que na páscoa fará “ovinhos” ela está determinando que todos os alunos fossem cristãos, o que na verdade não ocorre muitas vezes e isso acaba se tornando um desrespeito para com as crenças dos alunos.

**Figura 39 – Programação**

Fonte: (Tonucci, 2008, p.187).

Paulo Freire (1996) questiona

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo de ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Porque não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classes embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada a ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos (FREIRE, 1996, p. 30-31).

Um professor que questiona se permite reformular essas práticas já cristalizadas dentro do trabalho docente. Por que falar apenas dos feriados nacionais? Por que não mostrar e falar as coisas do cotidiano dos alunos? Por que não mostrar a cultura de outros povos? A escola está presa a valores e crenças muito arraigados. Faz-se necessário, aprendizados que levem esses professores a rever suas práticas e a refletir sobre as imposições de programas de governos, propostas de currículos, etc. exercícios que o emancipe e assim este emancipe seus alunos.

A charge a seguir demonstra um professor que transmite o conteúdo, mas não dá o exemplo do que prega.

**Figura 40** – Faça o que eu digo, mas não o que eu faço.



Fonte: (TONUCCI, 2008, p.178).

Para Freire (1996).

O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a

fórmula farisaica do “faça o que eu mando e não o que eu faço”. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo (FREIRE, 1996, p. 34).

Essa charge mostra o professor como exemplo para as crianças, e que este não está praticando aquilo que prega. Mas muito além de ser uma pessoa sem defeitos e sem problemas. O professor é antes de tudo um ser humano, mas isso lhe foi tirado para passar as futuras gerações os padrões de sociedade.

Sem dúvida a responsabilidade de “manter-se acima do comportamento comum” representou um encargo social pesado e teve profundos efeitos sobre as vidas de mestres e mestras. Para bem poder exercer o papel de modelo para as crianças e jovens, eles se viram obrigados a um estrito controle sobre seus desejos, suas falas, seus gestos e atitudes e tinham na comunidade o fiscal e o censor de suas ações (LOURO, 1997, p. 462-463).

Esse tipo de visão do professor como um sujeito que está acima da vida em sociedade dura até hoje. Por isso a charge do cigarro causa impacto, pois como um professor pode falar de vida saudável com seus alunos se ele fuma? Esconder a situação ou se mostrar correto com tal postura não é a melhor opção. A partir do momento que o professor conta aos alunos suas fragilidades e mostra que ele também erra e que ele não é o dono da verdade a relação com o aluno e com a comunidade se torna mais humana e não mais hierárquica.

Para que essas cobranças e as submissões sem questionamento saiam da vida dos professores é necessário que os professores se proponham a pensar diferente e agir sobre a realidade de maneira crítica e consciente. Seguindo a tríplice questão: “o que vê? O que pensas disso? O que fazes com isso?” (RANCIÈRE, 2011, p. 44).

Concordo com Freire (1996) quando o autor afirma

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário a reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu distanciamento epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao Maximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também (FREIRE, 1996, p. 39-40).

Por todas essas apresentações dos professores quanto a análise psicológica, vê-se que os professores são retratados como os “donos dos saberes” e que por terem uma formação aligeirada não estão preparados para o exercício da docência e, além disso, não refletem sobre as suas práticas. Todas essas generalizações servem para perceber o quanto a carreira docente é subjulgada e como os professores são apresentados como despreparados, arrogantes, e pouco questionadores. Esse tipo de visão deixa claro o quanto o profissional professor é subjulgado por essa sociedade, e como as ações destes estão relacionados a generalização de uma única visão desta profissão e está por sua vez é uma construção histórica, que não mostra as diferentes realidades e posturas de todos os professores.

Passo agora a avaliar as características físicas dos professores nas charges.

### 6.3 Características Físicas.

As características físicas presentes nas charges estão relacionadas ao vestuário incluindo acessórios e a semelhança dos traços do desenho para representar as personagens mães e professoras, diferente da representação dos pais e dos professores.

Segundo Louro (1997) a imagem das professoras esta ligada historicamente a visão de uma mulher que não se preocupava com seu salário, mas sim com seus filhos espirituais (alunos), por isso...

A antiga professora solteirona podia também ser representada como uma figura severa, de poucos sorrisos, cuja afetividade estava de algum modo escondida. As imagens fotográficas ajudam a reconstituí-la: roupas escuras, abotoadas e de mangas compridas, rosto fechado, cabelo em coque, costas retas, pés unidos, mãos postas ao lado do corpo ou sobre os joelhos – na verdade, nas fotos antigas, as crianças estão frequentemente muito sérias e perfiladas. As caricaturas dos jornais de época também falam dessa severidade e secura; representam-nas geralmente como mulheres sem atrativos físicos, por vezes quase bruxas, munidas de uma vara para apontar o que está escrito num quadro-negro, quase sempre de óculos (LOURO, 1997, p. 466-467).

As charges podem demonstrar também esse tipo de estereótipo de professora com suas roupas recatadas cabelos presos, óculos, rostos sérios. A professora do personagem Calvin é uma imagem deste estereótipo de professora descrito por Louro. No livro de Tonucci apenas uma professora é apresentada desta maneira séria com óculos e rosto austero.

**Figura 41 – Calvin.**



Fonte: (ESCOLA, 2012).

**Figura 42 – O ensino Laico.**



Fonte: (TONUCCI, 2008, p.70).

A charge e a tirinha mostram como, simples acessórios como os óculos (em ambas as imagens) e a vara (presente na tirinha) deixam a imagem de quem os possui como figuras sérias, e detentoras do saber e do poder dentro da sala de aula, ambos passam uma ideia de respeito devido ao lugar ocupado por tal personagem.

Nas demais charges de Tonucci demonstram uma imagem de professora mais voltada para os modelos das normalistas que apresentavam uma visão mais romantizada das professoras, isso se deve às transformações nos currículos que começaram a considerar o afeto como algo importante na formação das crianças, pois “as normalistas ou professorinhas, de acordo com a pedagogia em voga, deveriam ser menos severas e mais sorridentes” (LOURO, 1997, p. 475).

O mesmo autor considera (1997)

Na medida em que as novas orientações psicopedagógicas são introduzidas, percebem-se algumas transformações na expressão do afeto. Quando o discurso sobre a escola passa a valorizar um ambiente prazeroso, onde a cor e o jogo devem estar presentes, também a figura do professor passa a ser representada como sorridente e mais próxima do aluno. No entanto, até mesmo nesses momentos, o contato físico permaneceu rodeado de reservas (LOURO, 1997, p. 468).

Na charge a seguir fica evidente que Tonucci caracteriza as professoras como figuras simpáticas e amáveis, ligada a esta visão do ambiente escolar agradável e não mais de posturas rígidas e fechadas.

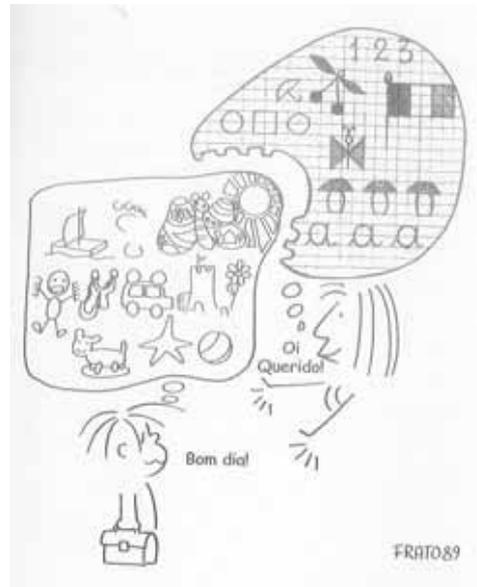
**Figura 43** – Conhecer para conviver juntos.



Fonte: (Tonucci, 2008, p.66).

Com esta charge vemos a que a professora está feliz e que se importa em conhecer o aluno, mas ao mesmo momento essa não conta ao aluno quem ela realmente é, e apenas se apresenta como professora. Ou seja, ainda se nota o distanciamento entre aluno e professor e a hierarquia de saberes, pois ao não dar retorno ao que a criança fala a professora reforça que tudo o que ele viveu não tem valor dentro do espaço escolar. Mas voltando as características físicas vemos que as professoras que Tonucci representa são sorridentes e não possuem nenhum instrumento que as defina com professora, a definição se dá pela fala ou no caso da figura 43 pelo balão de pensamento.

**Figura 44** – Os conhecimentos.



Fonte: (Tonucci, 2008, p.65).

A professora é acolhedora, mas os seus conhecimentos estão “devorando” os da criança. Apenas o saber escolar é válido. A postura de não misturar assuntos extraescola se deve a um controle histórico dos alunos do curso de magistério, os:

Regulamentos escolares mais antigos buscavam, de forma talvez mais evidente, controlar as relações entre estudantes e professoras/professores e dirigentes. Como por exemplo, o regulamento do Instituto de Educação de Porto Alegre, de 1929, proibia que professores ou professoras “tratassem em aula de assuntos alheio ao trabalho da disciplina”, bem como que “conversassem com alunos no intervalo das aulas” (LOURO, 1997, p. 460-461).

No livro de Tonucci há uma característica muito importante de ser destacada que é a maneira como as professoras são desenhadas, pode-se dizer que existem duas mães e duas professoras e estas revezam o papel de mãe e de professora.

**Figura 45 – Os critérios para à creche.**



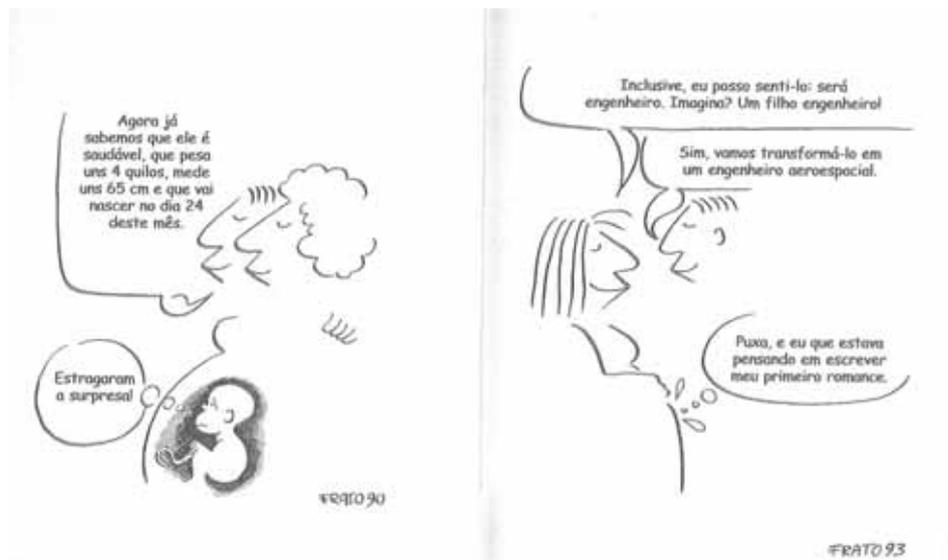
Fonte: (Tonucci, 2008, p.63).

**Figura 46 – Perspectiva.**



Fonte: (Tonucci, 2008, p.148).

**Figura 47 – Pais e mães.**



Fonte: (Tonucci, 2008, p. 30, 31).

Já os pais e os professores têm traços que os diferencie, como o bigode ou o uso de óculos.

**Figura 48** – Justificativa do atraso.

A CRIANÇA TEM DIREITO DE BRINCAR

Fonte: (Tonucci, 2008, p.160).

**Figura 49** – E depois da morte?

Fonte: (Tonucci, 2008, p.198).

Apesar dos traços do chargista ser simples, vê-se que alguns detalhes mudam o contexto em que o personagem se encontra. No caso dos pais e professores o uso dos óculos e do bigode o coloca em outra situação. Já as professoras e as mães não se modificam nem em detalhes. Com essa constatação vemos que o autor reforça a ideia de mãe espiritual atribuída às professoras ou ainda atribui à profissão como perfeita para as mães, pois estas trabalhariam meio período na escola e no outro poderia se dedicar as atividades domésticas.

Na verdade passa-se a considerar o afeto como fundamental e a vê-lo como “ambiente facilitador” da aprendizagem. Isso seria válido tanto para a educação escolar quanto para a educação no lar, ou em outras palavras, seria importante para a professora e para a mãe. Nada mais coerente com isso do que incentivar a presença feminina nos cursos de magistério. Ao incorporarem tais disciplinas, os cursos estariam não apenas contribuindo para a formação da moderna mestra, mas poderiam ser, também, um valioso estágio preparatório para o casamento e a maternidade (LOURO, 1997, p. 458).

Outra característica interessante são as roupas das professoras, que são apresentadas apenas de vestido.

**Figura 50** – As respostas inesperadas.



Fonte: (Tonucci, 2008, p.149).

As roupas das professoras são sempre os vestidos, recatados e comportados, assim como a roupa masculina dos professores que aparecem de calça e camisa de manga e às vezes de gravata.

**Figura 51** – O perigo das plantas.



Fonte: (Tonucci, 2008, p.157).

Esse modo de retratar os professores, com roupas recatadas é devido a postura que a muito as escolas colocam como forma ideal para os professores e os alunos se portarem para que desejos sexuais venham a ocorrer no ambiente escolar.

Uniformes sóbrios, avessos à moda, escondiam os corpos das jovens, tornando-os praticamente assexuados, e combinavam-se com a exigência de uma postura *discreta e digna*. O mesmo valia para as professoras: como modelo das estudantes, as mestras deveriam também se trajar de modo discreto e severo, manter maneiras recatadas e silenciar sobre sua vida pessoal (LOURO, 1997, p. 461).

O controle dos corpos nas escolas estava muito além do uso de certas roupas as futuras professoras aprendiam as maneiras de se comportar. “Através de múltiplos dispositivos e práticas ia-se criando um jeito de professora. A escola era, então, de muitos modos incorporada ou corporificada pelas meninas e mulheres” (LOURO, 1997, p. 461).

A normatização de estudantes e mestres e mestras faziam-se ainda por uma série de outros dispositivos, como os exames públicos, as premiações e as “notas de aplicação”. Fazia-se nas solenidades e rituais, na obediência a superiores, na obediência da pontualidade, na assiduidade, da regularidade e da ordem. Constituíam-se uma estética e uma ética. Uniformes sóbrios, avessos à moda, escondiam os corpos das jovens, tornando-os praticamente assexuados, e combinavam-se com a exigência de uma postura discreta e digna. O mesmo valia para as professoras: como modelos das estudantes, as mestras deveriam também trajar de modo discreto e severo, manter maneiras recatadas e silenciar sobre sua vida pessoal. Ensinava-se um modo adequado de se portar e comportar, de falar, de escrever, de argumentar. Aprendiam-se os gestos e olhares modestos e decentes, as formas apropriadas de caminhar e sentar. Todo um investimento político era realizado sobre os corpos das estudantes e mestras. Através de múltiplos dispositivos e práticas ia-se criando um jeito de professora. A escola era, então, de muitos modos incorporada e corporificada pelas meninas e mulheres – embora nem sempre na direção apontada pelos discursos oficiais, já que essas jovens também constituíam as resistências, na subversão dos regulamentos, na transformação das práticas (LOURO, 1997, p. 461).

A maneira como Tonucci desenha os professores está muito ligada à imagem de professor que muitos têm devido ao modo como a profissão docente foi se constituindo ao longo dos anos. Isso gerou uma imagem estereotipada de professor a qual se deve tomar cuidado para não transformá-la em ultrageneralização. Que são estereótipos colocados por outras pessoas e que são incorporados ao longo do desenvolvimento de uma pessoa que por isso são tomados como verdades inquestionáveis, (CORDEIRO E BUENDGENS, 2012) exemplo: todo professor escolheu essa profissão porque tem dom, ou porque gosta de crianças.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Utilizar as charges como documento de pesquisa para realizar esse trabalho que visou analisar os estereótipos aplicados aos professores, me fez perceber o quanto este é um material rico em discussão, interpretação e história. Quanto mais a pesquisa avançava mais a riqueza deste tipo de arte gráfica aparecia, e se mostrava com suas potencialidades de reconstituição da história, assim como; dos comportamentos sociais e das normas vigentes, das personalidades da época, etc.

Ver como as charges foram utilizadas ao longo dos tempos e como estas por conter a imagem como sua principal forma de apresentação se torna acessível a todas as pessoas que tenham um mínimo de conhecimento de mundo. Ao pesquisar sobre a história das charges, pude perceber a falta de estudos e livros nesta área, o que tornou esse trabalho ainda mais desafiador, mas como dizem quanto mais nos empenhamos em algo, mais difícil fica de desistir. E foi a persistência que me levou a dois autores corajosos que se lançaram neste tipo de pesquisa e que escreveram livros maravilhosos, um retratando os Salões de Humor de Piracicaba-SP, e o outro contando a história da caricatura no Brasil. A Camilo Riani e a Luciano Magno sou muito grata, pois ambos me revelaram o quão grande é esse universo das artes gráficas e como esses são manifestações históricas importantes para o combate a governos, a corrupção, a normas e padrões sociais e a ideias impostas à sociedade.

As charges de Francesco Tonucci (ou Frato) foram um grande achado, para trabalhar com a visão social estabelecida sobre o professor. Tonucci em suas charges consegue abordar muito bem a realidade escolar e trás tudo isso com muita leveza ao abordar o cômico e o riso, sem deixar de questionar algumas posturas. Apesar do enfoque deste autor ser o universo da criança e tudo ao que esta é submetida pelos adultos, vemos que as charges de Tonucci abordam muito além disso, e trás para a discussão problemas e padrões sociais como a violência a exclusão social feita pela escola, o machismo, o lugar da criança no ambiente social e tantos outros temas que afetam nosso dia a dia dentro e fora da escola.

Sei que ainda existe muita coisa para ser explorado com as charges desse autor. A linguagem própria das charges, e o uso do riso para mascarar a crítica contida foram dois pontos que me chamaram muito a atenção durante a pesquisa, mas infelizmente não pude explorá-lo como queria neste trabalho, por fugir ao tema que me propus a pesquisar e pela falta de tempo para tal pesquisa, talvez essa temática fique para um projeto futuro.

Ao pesquisar os artigos no site da SciELO, notei que não são questionados os estereótipos aplicados aos professores, os estereótipos estão em sua grande maioria, relacionados aos alunos, as pessoas com deficiência, ou pessoas marginalizadas pela sociedade como ex-presidiários. O mesmo ocorria com os livros quando se mencionava estereótipos ou os preconceitos, estes tratavam do assunto referente aos diferentes preconceitos como o religioso, o sexual, o racial entre outros. Os professores não tinham espaço neste debate.

Mas o professor é uma figura social estereotipada historicamente, suas posturas, seus hábitos, sua maneira de vestir, são fatores que são cobrados pela sociedade, e um professor que fuja a maneira de ser professor não é reconhecido como tal. Quando se pergunta o que é ser professor, inúmeras imagens já construídas dessa profissão nos vêm à cabeça e estas nada mais são do os estereótipos forjados ao longo de nossa vida escolar e cultural.

Estudar sobre esse tema me fez perceber que se faz preciso romper com essas imagens carregadas de maneiras de se comportar, de escrever, de se vestir, de se dirigir aos alunos, etc que recaí sobre o professor. Cada pessoa é única e carrega com sigo marcas de sua formação como ser humano, são essas marcas que vão condicionar como aquela pessoa vai ser como professor.

Os estereótipos que são aplicados aos professores são exigências de uma sociedade machista, classista e preconceituosa que não cabem mais hoje em dia. Tanto se fala sobre o tornar a escola mais moderna mais adequada à sociedade tecnológica e diversificada que “aceita” as diferenças que temos hoje, mas nada se comenta sobre tirar as amarras dos professores sobre algumas questões tais como: os homens darem aula para a educação infantil; professores assumirem suas tatuagens, piercing; professores se assumindo como igual perante a turma e assim ensinando e aprendendo ao mesmo tempo; professores mostrando que são humanos e que não detém todo o saber; professores que abraçam e beijam seus alunos.

Muitos professores corajosos vêm quebrando esse tipo de estereótipo, mas ainda sofrem com perseguições de alguns pais, da direção e de alguns professores que ainda estão amarrados a velha imagem do que é ser professor e ainda exigem posturas de superioridade sobre as crianças, “letras redondas” no quadro negro, castigos e punições para os que não se comportam, etc.

Este trabalho me trouxe grandes descobertas e me possibilitou ter como objeto de pesquisa uma das minhas grandes paixões (as charges). Mas realizar esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) revelou, como já considerado, que não há muitos trabalhos e materiais que tratem das charges e estereótipos aplicados aos professores. Isso dificultou um pouco o trabalho. Outra coisa que dificultou o trabalho foi a greve dos professores e funcionários nas universidades estaduais de São Paulo, visto que os poucos livros que encontrava sobre o assunto que procurava estavam em outras universidades e a única maneira de ter acesso a estes era por meio do empréstimo entre bibliotecas, e esse serviço ficou muito tempo parado e com isso não pude ter acesso a algumas obras, e uma chegou bem no final do prazo para a entrega deste trabalho.

Todavia o trabalho trouxe grandes questionamentos sobre como romper e trazer para debate a imagem histórica que está sobre os professores. Trabalhar essa temática me fez parar para refletir em algumas cobranças que me fazia sobre a minha imagem como professora, posso dar como exemplo o fato de não me sentir preparada para ser professora por causa da minha letra, ou por não conseguir ser brava com os alunos, no estágio. Depois desta pesquisa percebo que serei uma professora com ou sem “letra bonita”, percebo que minha função é fazer os alunos questionarem sobre suas realidades e que eles aprendam a respeitar as diferenças. E para isso não preciso de roupas adequadas, de posturas controladas. O que eu preciso é ter compromisso com o meu trabalho e seriedade nas coisas que eu faço, e saber que muitos alunos passaram por minhas mãos e para isso eu terei que estudar muito, trabalhar muito e buscar no próximo ajuda para enfrentar o dia a dia da carreira docente.

Gostaria de deixar aqui o meu pesar pela morte dos chargistas franceses Charb, Cabu, Wolinski e Tignous mortos no atentado terrorista do dia 07 de janeiro de 2015, que mostrou a intolerância com a crítica apresentada por esses artistas através do objeto de pesquisa desse trabalho: as Charges. Espero que depois desse atentado os chargistas do mundo inteiro, não se intimidem pelo ocorrido e continuem relatando a realidade com muito humor e mostrando ao mundo os problemas sociais, as intolerâncias dos seres humanos e causando o “incomodo” que nos coloca para pensar sobre nossas ações e sobre a sociedade em geral.

## REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA da charge no Brasil. Disponível em:

<http://filtrandoarede.blogspot.com.br/2012/02/historia-da-charge-no-brasil.html>. Acesso em: 22 ago. 2014.

ALECRIM, Michel. **A história pelas charges**. 14.Dez.2012 Disponível em:

[http://www.istoe.com.br/reportagens/261325\\_A+HISTORIA+PELAS+CHARGES](http://www.istoe.com.br/reportagens/261325_A+HISTORIA+PELAS+CHARGES) Acesso em: 22 ago. 2014.

ANDRE, Dahmer. Millôr curtindo com a censura. 2011. Disponível em:

<http://malvados.wordpress.com/2011/11/21/quando-millor-enviou-uma-charge-para-a-censura/>. Acesso em: 25 nov 2014.

ANTUNES, Deborah Christina. ZUIN, Antônio Álvaro Soares: **Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação** Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil. Psicologia & Sociedade; 20 (1) 33-42, 2008 Disponível em

<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n1/a04v20n1.pdf> . Acesso em: 16/fev/2014.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre o significado do cômico**. Trad. Guilherme de Castilho. 2. ed. Lisboa. Guimarães Editores. 1993.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). Estudo exploratório sobre o professor brasileiro: com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007. Brasília, DF: MEC/INEP, 2009. Disponível em:

<http://www.portal.mec.gov.br/dmdocuments/estudoprofessor.pdf> Acesso em: 25/ mai/2014.

CANDAU, Vera Maria. LEITE, Miriam Soares: **Diferença e desigualdade: dilemas**

**docentes no ensino fundamental. 950 V.41 N.144 SET./DEZ. 2011** Cadernos de Pesquisa.

Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/cp/v41n144/v41n144a16.pdf>: Acesso em: 16/fev/2014.

CARVALHO, Marília Pinto de. **Quem são os meninos que fracassam na escola**. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, p. 11-40, jan./abr. 2004 Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: [mariliac@usp.br](mailto:mariliac@usp.br). Acesso em: 16/dez/2013.

COELHO, Wilma Nazaré Baía. **Só de corpo presente: o silêncio tácito sobre cor e relações raciais na formação de professoras no estado do Pará**. Revista Brasileira de Educação v. 12 n. 34 jan./abr. 2007. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a04v1234.pdf>.

Acesso em: 16/fev/2014

CORDEIRO, Aliciene Fusca Machado. BUENDGENS, Jully Fortunato. **Preconceitos na escola: sentidos e significados atribuídos pelos adolescentes no ensino médio**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 16,

Número 1, Janeiro/Junho de 2012: 45-54. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n1/05.pdf>. Acesso em: 16/fev/2014

CROCHÍK, José Leon. CASCO, Ricardo. CERON, Mariane. CATANZARO Fabiana

Olivieri. **Relações entre preconceito, ideologia e atitudes frente à educação inclusiva**.

Estudos de Psicologia I Campinas I 26(2) I 123-132 I abril - junho 2009. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n2/01.pdf> Acesso em: 16/fev/2014.

CROCHÍK, José Leon; PEDROSSIAN, Dulce Regina dos Santos; ANACHE, Alexandra Ayach; MENESES, Branca Maria de; LIMA, Maria de Fátima Evangelista Mendonça; **Análise de atitudes de professoras do ensino fundamental no que se refere à educação inclusiva.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37,n.3, p. 565 -582, set./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n3/a08v37n3.pdf>. Acesso em: 16/fev/2014.

DEPÓSITO do Calvin. Licenciamento, 05 maio 2011 Blog spot. Disponível em: [http://depositodocalvin.blogspot.com.br/2011\\_05\\_01\\_archive.html](http://depositodocalvin.blogspot.com.br/2011_05_01_archive.html) Acesso em: 28 nov.2014.

ESCOLA Estadual Professor Gerson Lopes. Volta às aulas. Disponível em: <http://escolaestadualprofessorgersonlopes.blogspot.com.br/2012/03/volta-as-aulas.html>. Acesso em: 23.set.2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio:** o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FONTANA, Roseli A Cação. **A constituição social da subjetividade:** Notas sobre Central do Brasil. Faculdade de Educação/ Unicamp. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, Julho/2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a10v2171.pdf>. Acesso em: 16/fev/2014

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Maria. **A história das charges no Brasil e no mundo.** Disponível em: <http://imprensaodigital126.com.br/?p=10062>. Acesso em: 22 ago. 2014.

GARCIA, Maria. **A crítica por trás dos traços.** Disponível em: <http://imprensaodigital126.com.br/?p=9994>. Acesso em: 22 ago. 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLOBO, Comunicação e Participações S.A. **Cartunistas brasileiros homenageiam mortos em ataque terrorista em Paris.** Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/01/cartunistas-homenageiam-mortos-no-ataque-terrorista-com-charges.html>. Acesso em 12 jan. 2015.

LODI, Mario. In TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança.** Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In. PRIORE, M. (org) BASSANEZI, C. (coor). **História das mulheres no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUSO, Poemas. **Bertold Brecht** : Nada é impossível de mudar. 2008. Disponível em: <http://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=786>. Acesso em: 15/ jan/2015.

MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva. RUIZ, Erasmo Miessa. **Estigma e currículo oculto.** Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.17, p.125-142, Maio-Ago, 2011. Edição Especial. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v17nspe1/10.pdf>: acesso em 16/dez/2013.

MAGDALENA, Enrique Miret. O humor na vida. In TONUCCI, Francesco. **Frato 40 anos com olhos de criança**. Tradução Maria Carmen Silveira Barbosa. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MAGNO, Luciano. **História da Caricatura Brasileira**: Os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil. Gala Edições de Arte Ltda. [S.l.], 2012.

MALAGUZZI, Loris. A acchiappanza de Francesco. In TONUCCI, Francesco. **Frato 40 anos com olhos de criança**. Tradução Maria Carmen Silveira Barbosa. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MAURO, Tullio de. Prefácio. In TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MOYA, Álvaro de. **História da história em quadrinhos**. L e PM Editores. [S.l.], 1996.

OHL, Nathalie Guerrero. ANGELUCCI, Carla Biancha. NICOLAU, Aneline Menezes. HONDA, Caroline. **Escolarização e preconceito: lembranças de jovens com e sem deficiência**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) Volume 13, Número 2, Julho/Dezembro de 2009 p.243-250. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v13n2/v13n2a06.pdf> Acesso em: 16/fev/2014.

OLHO na História. Disponível em: [http://olhonahistoria.blogspot.com.br/2011/10/atividades-de-historia-do-brasil\\_12.html](http://olhonahistoria.blogspot.com.br/2011/10/atividades-de-historia-do-brasil_12.html). Acesso em: 25 nov 2014.

PICCOLO, Gustavo Martins. **Educação infantil: análise da manifestação social do preconceito na atividade principal de jogos**. Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 114, p. 205-221, jan.-mar. 2011 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v32n114/a13v32n114.pdf> Acesso em: 16/fev/2014.

PINHEIRO, Viviane Potenza Guimarães. **Preconceito, moralidade e educação moral para a diversidade**. Revista Brasileira de Educação. v. 16 n. 46 jan.|abr. 2011 Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n46/v16n46a12.pdf>. Acesso em: 16/fev/2014.

PORTAL do professor. **O papel da Imprensa no combate à ditadura**. 2013 Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=52360> Acesso em: 25 nov 2014.

RIANI, Camilo. **Linguagem & cartum... tá rindo do quê?** Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba. Piracicaba/SP: Editora Unimep, 2002.

SALA 33, **Na Estante**. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/sala33/70-anos-de-henfil-os-cartuns-como-forma-de-resistencia/>. Acesso em: 22 nov. 2014.

SCHILLING, Flávia; MIYASHIRO, Sandra Galdino. **Como incluir? O debate sobre o preconceito e o estigma na atualidade**. Universidade de São Paulo/Educação e Pesquisa, São Paulo, v.34, n.2, p. 243-254, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v34n2/03.pdf>. Acesso em 16/fev/2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 21 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SHIMIZU, Alessandra de Moraes; CORDEIRO, Ana Paula ;MENIN, Maria Suzana de Stefano. **Ética, preconceito e educação: características das publicações em periódicos nacionais de educação, filosofia e psicologia entre 1970 e 2003.** Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 31 jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a12v11n31.pdf>. Acesso em: 16/fev/2014.

SIGNIFICADO de Charge. Disponível em: <http://www.significados.com.br/charge/> Acesso em: 22 ago. 2014.

SILVA, Nadilson Manoel da. **Fantasia e cotidiano nas histórias em quadrinhos.** São Paulo: Annablume; Fortaleza. Secult, 2002.

SOUSA, Rainer. História e Charges. Equipe Brasil Escola, 2014. Disponível em: <http://educador.brasilecola.com/estrategias-ensino/historia-charges.htm> Acesso em: 22 ago.2014.

TEDESCO, Juan Carlos. Francesco Tonucci: coerência entre pensamento e ação. In TONUCCI, Francesco. **Frato 40 anos com olhos de criança.** Tradução Maria Carmen Silveira Barbosa. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança.** Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

TONUCCI, Francesco. **Frato: 40 anos com olhos de criança.** Tradução Maria Carmen Silveira Barbosa. Porto Alegre: Artmed, 2008.